

A knight in full plate armor, including a helmet with a visor, stands against a cloudy sky. He holds a sword aloft in his right hand and a shield in his left. The shield is blue with a white unicorn emblem. The knight's surcoat is blue with a white star and the letters 'US' on the sleeve.

Sérgio Motti Trombelli

O duelo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O duelo

Capítulo I

O sol nem acabava de se pôr e Zé Roberto já estava do lado de fora do portão. Elvira parece que escutava a moto de longe, mais ainda: sabia diferenciar, pelo ronco do motor, dentre tantas e tantas motos qual era a moto dele, desta *supercap* que é São Paulo..

Tão logo o barulho se ouvia, ela largava tudo para ir abrir a porta :

- E aí, com o foi seu dia ?

- Primeiro um beijo, reclamava Zé Roberto

O namoro era de longa data. Na verdade, ninguém no bairro se lembrava de Elvira e Zé Roberto não terem sido namorados. A união parecia meio que mágica. “Foram feitos um para o outro” , era o que mais se ouvia na vizinhança. Depois da escola juntos, cada um foi em busca de um emprego - tinham urgência de juntar dinheiro para conquistar os sonhos sonhados a dois. Os pais de ambos, uma vez ou outra, achavam que eles deviam esperar , conhecer o mundo, outras pessoas...

Eles não ligavam para o que diziam as pessoas . Tinham uma vida simples, comum, apaixonados, e na cabeça de ambos, os sonhos do amanhã cresciam regados pela paixão, a confiança, a vida pensada e vivida a dois.

Aos poucos , foram construindo um cantinho. Nada muito chique, mas confortável para a vida matrimonial que logo iria começar. Sem sofisticação, uma meia água como se diz, mas era deles, feita com suor do trabalho, sem

dívidas e luxo. Ainda não moravam juntos e cada qual ficava na casa dos pais, embora a vida já fosse a dois.

Na frente da casinha de meia água, um jardim florido era o xodó do casal. Elvira amava as plantas desde pequena e uma tinha paixão inexplicável pelos lírios. “ São lindos”, dizia , e por mais que Zé Roberto achasse todos iguais , ela via diferenças em cada um deles. “ Vê este é mais claro, este mais macio, este maior, este cheira mais intensamente”. Zé Roberto sorria e se encantava. “ Nossa casa sempre vai estar cheia de lírios, só para deixar você mais feliz, principalmente porque essa flor tem a forma de um coração” concluía, vencido pela paixão dela.

Raramente saíam ou iam viajar, o dinheiro era curto. Semanalmente frequentavam um lar espírita que ficava na mesma rua. Zé Roberto auxiliava na organização interna e Elvira já trabalhava dentro da sala de fluidoterapia.

A literatura que liam estava toda calcada nas obras do Chico e quase sempre liam as mesmas coisas para comentarem depois, buscarem mais aprimoramento, entender a doutrina e transformá-la num guia seguro para a vida de ambos.

Naquele dia em especial, escolheriam os móveis. As ofertas dos grandes magazines eram tentadoras e , para quem tem dinheiro contado, nada melhor do que liquidações e oportunidades.

- Então, vamos lá ? Perguntou Zé Roberto.

- Deixe apenas avisar minha mãe e pegar meu capacete, respondeu Elvira e entrou em casa.

Zé Roberto olhou em volta. A noite seria calma e clara, um dia especial para comprar o que faltava na casa. Tirou do bolso um papel com uma lista enorme. Num ponto havia um traço. “ Até aqui é o principal” , pensou, “ depois , se der, vem o resto”.

Elvira saiu de casa, subiu na garupa e deu um adeusinho para José, seu irmão mais novo.

Zé Roberto não tinha o hábito de correr. Ia sempre na mesma toada como ele dizia. “ Nada de pressa, a gente chega lá do mesmo jeito”. Ainda mais quando saía com Elvira, aí o cuidado era ainda maior. Por isso, assim que

ela subiu na garupa, ele saiu lentamente foram conversando sobre a grande compra que iriam fazer. Ela falava no ouvido dele, e , de vez enquanto, entre armários e poltronas ela repetia a mesma coisa “ sabe que eu amo você ?” Ele fazia charme, “ desde quando, nesta vida ou nas outras?”, indagava. “ Desde de sempre e para sempre” era a resposta dela, um ritual dialogado entre os dois, como que um segredo dito aos ouvidos que apenas os dois soubessem e gostassem de repetir.

A loja não estava cheia, mas sabe como é, São Paulo não perdoa e sempre tem gente onde quer que se vá. Aos poucos, os móveis foram escolhidos e o pedido aumentava, na mesma proporção que o dinheiro diminuía. Não iria dar para comprar tudo, mas grande parte estaria na casinha em uma semana. Para os eletrodomésticos, havia a promessa dos padrinhos que se cotizaram para a geladeira, a máquina de lavar roupa, a TV, enfim , como a celebração seria em família, e embora todos iriam participar , a festa seria apenas para os mais achegados – a economia da festança daria mais chances de equipar a casa.

Quando terminaram, era já fim de noite, pouco antes da loja fechar. O caminho de volta não era longo, o Tatuapé não ficava mais tão distante como antigamente, há vias de acesso fácil hoje em dia e bastando não haver trânsito, chega-se rapidamente lá.

Zé Roberto montou na moto e Elvira o abraçou com ternura. Ele sentiu isso. Ambos sentiram um imenso orgulho do que tinham feito. Era uma vitória antecipada por conta do amor antecipado. Mobilizar a casa era dar um toque de família naquela relação, era como que começar uma vida efetivamente a dois, concretizando um amor a dois que existia “desde sempre” como ela dizia.

Por isso, ele veio lentamente, curtindo aquele abraço, aquele coração batendo nas suas costas e o carinho que ela lhe fazia. Nisso, na avenida vazia, um barulho enorme de carros rodando a toda se ouviu e entraram derrapando, cantando pneus na avenida. “ Cuidado, é a turma do racha”, disse ela. Zé Roberto diminuiu a velocidade, saiu do meio da avenida e foi lentamente conduzindo a moto perto do meio fio. Como sempre acontecia , a turma da pesada estava fazendo a algazarra semanal, assustando moradores e

complicando o trânsito do local. Era arriscado e muitos haviam sofrido acidentes por causa deles.

Lentamente, Zé Roberto foi conduzindo a moto perto do meio fio. Mas justamente um pouco antes dos carros chegarem onde ele estava indo , um dos motoristas tentou ultrapassar , o outro fechou a passagem e aconteceu uma colisão terrível. Um dos carros capotou e foi raspando pelo asfalto em linha reta, mas o outro carro, não. Ao sofrer o impacto, voou do chão e ficou totalmente desgovernado indo se chocar com outros veículos, e por fim batendo na moto de Zé Roberto e Elvira. Não deu para fazer nada, tudo foi muito rápido e os dois foram arremessados a metros de distância.

Após o acidente, Zé Roberto teve a sensação de ver um vulto negro, esfumaçado, parado em frente ao seu corpo. Uma imagem que parecia ser de outro mundo, outro tempo. As vestes, o cabelo, o olhar... Algumas pessoas tiveram a mesma impressão, mas ele logo se dissipou como se fosse uma forma etérea que apareceu no local e logo sumiu.

Elvira ficou desacordada assim que caiu no chão; Zé Roberto ainda pôde olhar pelo visor do capacete e percebeu que ela estava imóvel. Tentou se erguer, mas não dava, e tudo foi sumindo , sumindo, sumindo até desfalecer...

Veza ou outra , abria um pouco os olhos enquanto escutava o barulho da sirene. Havia um imenso torpor que lentamente se dissipava e no lugar dele as dores começavam a ser imensas. Não viu Elvira , tentou dizer algumas palavras, mas o enfermeiro apenas tranqüilizou-o: “ A garota está em outra ambulância, descanse, descanse, tudo vai ficar bem”, a frase ecoou nos seus ouvidos “ bem, beeem, beeeem” ... Depois disso Zé Roberto apagou definitivamente.

Capítulo II

A notícia do acidente deixou entristecidos os amigos do bairro. Ninguém se conformava com aquela peça que a vida havia pregado nos dois namorados.

- Eu não posso acreditar que isto tenha acontecido com Zé Roberto , desabafou sua mãe, D. Elza.

As vizinhas consolavam-na, afinal as primeiras notícias não eram tão más. Ambos estava sedados , mas não corriam perigo de morte. Seu José, pai de Zé Roberto, não arredava pé do hospital e era quem ia mandando por telefone as notícias a cada hora. A irmã de Elvira ficava com ela no quarto, enfim o que se desejava era que aos poucos ambos fossem se recuperando.

Mas não era isso que estava acontecendo. Sem explicações médicas ambos não acordavam a despeito de todos os exames e das condições físicas estarem boas. Os fieis da Casa de Caridade, lá no bairro onde ambos freqüentavam, fizeram um círculo de mentalização para o restabelecimento de

ambos, inclusive o Senhor Cláudio, mentor do centro, visitou os dois e com seus médiuns mais poderosos para emanar energia vital de modo a que o organismo deles ganhasse forças para o restabelecimento.

- Vamos rezar diariamente para que eles melhorem , e a prece, que é um poderoso remédio, há de fazer efeito, disse para as duas famílias que estavam visivelmente apreensivas.

Contudo, o quadro não se alterava. Os médicos que tratavam deles não tinham explicações. “Estão estáveis, nada há que possa explicar por que não acordam. Vamos manter a medicação e aguardar”, concluíram.

O que ninguém sabia era que, mesmo sem acordar, Zé Roberto via e ouvia tudo o que se passava no quarto. Podia escutar o choro baixinho de seus familiares, e mais, podia sair do seu corpo e vagar pelo corredor até o quarto de Elvira e vê-la na cama . “Como gostaria de ter um lírio na mão agora”, pensava ele. Por que não consigo que me escutem, não consigo me mexer, mas vejo a vida aí fora como se estivesse nela”, indagava. “O que será que está acontecendo comigo?”

De repente, Zé Roberto se sentiu levado por um turbilhão intenso. Um túnel em espiral que o fez rodopiar em direção a um ponto de luz que ia aumentando, aumentando, conforme fosse chegando mais perto, mais perto, até que ele se viu caído no meio de um campo totalmente aberto.

.....

A vida era diferente. As matas eram cheias de flores, pássaros cantavam e ele sentiu um prazer que parecia já ter vivido e estava se reencontrando, um sentimento de paz e união com a natureza invadiu seu ser, coisa que ele não sentia mais nas ruas asfaltadas, em meio ao concreto da cidade grande de agora.

Olhou para os lados e não viu nada, a não ser árvores, calmaria, animais soltos. Aos poucos, começou a andar , e ao subir um pequeno morro viu uma cidade. Só que não era uma cidade como as de hoje. Parecia uma cidade igual a que ele vira em filmes sobre a Idade Média. Escutou o relinchar de um cavalo, sentiu que ambos se entendiam e se conheciam há tempos. Estendeu a mão e o animal veio até ele.

“Corisco” Zé Roberto disse baixinho, o cavalo relinchou novamente, e num gesto montou no animal começando a cavalgar em direção à cidade à sua frente.

Ao entrar pelo portão principal, ele viu uma movimentação extremamente familiar: ferreiros na forja preparavam ferraduras e armas, comerciantes em bancas ofereciam seus produtos, soldados com lanças e escudos marchavam em direção ao palácio. Foi então que ele se deu conta de que estava de armadura. Aos poucos, como um filme, as cenas foram desfilarando frente a seus olhos. Sir Arthur, este era o seu nome. Ele era amigo da família que possuía aquele palácio e aquelas terras.

Sem muito espanto, Zé Roberto começou a viver situações já vividas num tempo que ele parecia ter deixado há longa data. Como estaria ali? Ele ainda podia ver esfumada sua imagem na cama do hospital, sua família em volta rezando. Sentiu que havia se desdobrado em duas pessoas ao mesmo tempo, vivendo duas histórias, tamanha a realidade das ações que ele ia realizando naquele longínquo reino da Inglaterra do final dos tempos medievais.

Quando desceu do cavalo, imediatamente um servo veio ao seu encontro para segurar as rédeas e levar o animal para o estábulo. As pessoas faziam reverência à sua passagem, falavam seu nome, perguntavam se a caçada tinha sido boa.

Aquelas cenas não lhe eram desconhecidas, parecia que as estava vivendo novamente, mas como? Entrou no palácio e ao passar pela sala de acesso ao salão viu seu rosto num imenso espelho, não era ele! Mas era ele!

Nisso uma voz meiga e suave falou seu nome com alegria e veio ao seu encontro:

- Arthur, e se atirou em seus braços, dando-lhe um beijo.

Ele olhou aquele rosto e sabia que era Elvira, mas o rosto e o nome eram outros e como que instintivamente ele pronunciou “Margareth”, e se abraçaram novamente.

Margareth não era a mais bela das mulheres, mas para Arthur, jamais tinha havido beleza igual. Loira, de olhos claros, um sorriso sempre espontâneo na face, uma fala calma e doce que encanta todos aqueles que a conheciam. Mesmo na corte, não havia um nobre que não a desejasse como esposa.

Arthur, por sua vez, era cobiçado pelas damas do reino, a despeito de ter uma ancestralidade celta que não agradava muita gente. Não era um homem bonito, mas tinha um certo toque atraente. Campeão em torneios com lança longa, alto, cabelo castanhos e, embora suas terras não fossem tão grandes, era estável e tinha renda

mais do que necessária para ter seu castelo e homens a seu dispor, tanto assim que já lutara ao lado do rei em contendas passadas contra os francos.

- Estávamos esperando por você, papai quer lhe falar, disse ela.

- Onde ele está ?

- Na sala de armas.

Arthur foi até lá, o castelo não lhe era estranho, sabia-o de cor. Era uma sala não muito grande, mas uma das mais importantes do castelo. Lá se encontravam os brasões das grandes famílias da Inglaterra, além de armas e armaduras que haviam sido usadas em combates desde os tempos imemoriais. O conde era um nobre de longa linhagem, sua família dominava aquela região da Inglaterra há séculos. Não era velho, e , pelas histórias dos menestréis, era um grande combatente. Mas o que mais o caracterizava era a bondade com que tratava seus súditos.

- Sir Arthur, disse o Conde Edward, que bom que chegou.

- É um prazer, senhor

- Margareth estava ansiosa. As mulheres não entendem que uma caçada é importante para um cavaleiro, ajuda sua destreza em combate.

- É verdade, senhor.

- Conseguiu alguma presa ?

- Não desta vez, mas tive tempo para refletir e apreciar seus domínios, milord.

Desejava falar comigo ?

- Sim, e é algo que me preocupa.

- O que posso fazer para ajudá-lo ?

- A mim , nada, mas penso em você e Margareth

- O que o aflige ?

- O Duque Rudolf.

- Novamente ele, senhor ?

- Parece irredutível, Arthur. Sei de seu amor por minha filha e o dela por você. Já os abençoei, mas o rei não pensa com o coração e sim com os seus próprios interesses e parece que Rudolf conseguiu desviar o olhar dele para a aliança que o duque faria com a coroa, caso se casasse com a minha filha, já que somos parentes do rei e traria proteção a ele. Isto tornaria mais unida a Inglaterra, mesmo eu tendo lhe jurado

fidelidade. Sabe, esta luta entre saxões, bretões, e as famílias dos antigos celtas, como a sua, atormenta o rei que vê fantasmas em todos os lados e teme perder o trono.

- Mas , senhor, o que poderíamos nós, eu e Margareth, ameaçá-lo no seu direito de rei ?

- Sua origem ancestral, Arthur. Ele acredita que você um dia poderia se voltar contra ele, o que foi plenamente corroborado por Rudolf, que é hábil em armar tramas. Todos sabemos disso.

- O que eu preciso fazer para que o rei acredite em mim ? Falar com ele ?

- Talvez, mas por ora basta que saiba disso. Rudolf mandou um emissário me avisar que chegaria aqui amanhã. Tenho quase certeza de que ele virá para tratar deste assunto.

- Margareth sabe ?

- Ainda não, por isso, meu caro, fiquemos em paz, jantaremos no salão principal e aproveite esta noite, porque amanhã será um dia difícil para ambos. Alguns amigos nossos virão.

Arthur sabia exatamente o que o conde queria dizer com isso, tanto assim que , ao longo do dia , aos poucos, alguns cavaleiros pertencentes à Ordem Mística do Lírio Sagrado entraram pelo portal do castelo. Arthur viu aquilo e veio perguntar ao conde por que tantos cavaleiros.

- Eles sabem das intenções de Rudolf e vieram para ficar a seu lado. Arthur se alegrou com a presença deles, afinal, estaria entre amigos e quando Rudolf chegasse, as forças estariam contra ele.

Contudo , o que mais lhe alegrou foi ver a chegada de Eudor. Alto, barba e cabelos brancos, ele era uma espécie de mago da corte. Temido por uns, amado por outros, ele era o Grão-Mestre da Ordem e sua presença ali era um reforço importante.

Eudor vestia-se de branco sempre. Às vezes com uma túnica que ia até os pés, outras vezes com calça e camisa brancas. Em combate usava uma armadura prateada. Carregava consigo um bastão de ouro de uns 60 centímetros que a um toque seu liberava um pontalete de uns 30 centímetros em forma de espada. No punho do bastão havia um lírio branco, símbolo da Ordem.

Sabia poções de remédios, e palavras mágicas, não raras eram as ocasiões em que curava com a imposição das mãos. Possuía uma qualidade rara de concentração

através da qual ouvia vozes, tinha inspirações e podia transmitir conhecimentos de outros místicos já falecidos.

- Eudor, que alegria, disse Arthur, quando o viu entrar no palácio.

- A alegria é minha, não poderia deixar de estar aqui numa hora como esta.

Arthur ouviu isso com certa apreensão. Que todos estivessem ali com ele, já era estranho, mas não tanto, afinal os cavaleiros da ordem se auxiliavam mutuamente. Mas a expressão de Eudor fora pesada demais.

- Uma hora dessas, meu mestre ?

Eudor foi enigmático na resposta, deu voltas, mas ao final:

- Parece que Rudolf teve um encontro definitivo com o rei e vai fazer mais uma vez uma investida para ter Margareth como esposa. Isto agrada ao rei, você já sabe e, se como dizem, ele traz uma carta para o conde Edward, as coisas ficarão difíceis.

- Jamais, prefiro a morte a ter que renunciar de Margareth, e ela também, mestre, disse isso e segurou o cabo da espada.

- Calma, Arthur, as coisas precisam se resolver de outra forma, ninguém tem um poderio militar tão grande quanto Rudolf em todo o reino, até o rei o teme. Sozinho seu exército é maior que a soma de todos nós juntos, e mais, numa contenda, o rei se somaria a ele. Seria suicídio um enfrentamento. Não vamos nos precipitar.

Um silêncio caiu entre eles.

- Hoje à noite, após o jantar, teremos reunião da Ordem para tratar deste assunto. Até lá, fique em paz, aproveite a recepção de Edward, namore com Margareth. Não sabemos de nada, são apenas suposições. Tenho a sensação de que Percival poderá se materializar para nós hoje. Mentalizei seu auxílio e suas palavras nos servirão de luz para este momento.

Arthur concordou e calou-se mesmo porque Margareth aparecia na porta do salão chamando pela presença do amado. Arthur encantou-se com a sua beleza como sempre e logo foi ter com ela. Passearam pelos jardins do palácio, sentaram embaixo da acácia, fizeram novamente juras de amor. Mas dentro de sua alma havia um aperto que era difícil de esquecer.

Capítulo II

Zé Roberto deu um grande suspiro. Sua pressão subiu a ponto de precisarem chamar o médico. Sua pulsação aumentou.

- Não sei o que pode ter acontecido, disse o doutor. Vamos acalmá-lo e após a medicação veremos como ele se comporta.

Zé Roberto via tudo isso acontecer à sua volta. Agora não estava mais na Idade Média, sentia-se preso ao quarto e imaginando como estaria Elvira. Ela continuava serena. Zé Roberto ouviu sua mãe dizer que iriam trazer um médium que recebia o Dr. Bezerra naquela noite para examiná-lo e junto viriam mais alguns médiuns amigos que queriam rezar pelo restabelecimento de Zé Roberto.

De fato à hora combinada, o Sr. Justino chegou e imediatamente recebeu o espírito de Bezerra de Menezes. Foi um momento magnífico. O quarto inteiro se encheu de paz e um perfume maravilhoso envolveu o lugar. O Sr. Justino levantou sua mão e percorreu todo o corpo de Zé Roberto. Vez ou outra parava em alguma parte do corpo onde havia ferimentos e depois seguia em frente. Assim foi até examinar Zé Roberto totalmente. Ao final disse:

- Ele não tem nenhum dano físico grave, assim como a menina que já despertou – ele já havia passado no quarto de Elvira. E o Sr. Justino continuou, o problema não é físico, ele não volta porque está revivendo uma outra vida do seu passado. Há uma força muito forte que o prende àquela época e ele não consegue voltar para este momento. Há espíritos obsessivos poderosos que o seguram lá e parece que ele terá que viver novamente o que viveu e deixou inacabado num passado longínquo.

- Mas o que é, onde ? Indagou o pai de Zé Roberto, o que podemos fazer ?

- Não dá para fazer uma sessão de desobsessão? indagou aflita a mãe de Zé Roberto ao Sr. Justino.

- Por ora nada podemos fazer. Neste momento ele não corre perigo nenhum , mas os acontecimentos que seguirão, não aqui, mas lá, é que determinarão o que irá ocorrer com sua vida. Resta apenas rezar. Não sabemos o motivo dessa obsessão. Quem saberá nos contar isso será apenas Zé Roberto. E continuou : a obsessão sobre ele é muito poderosa.

Elvira, que já havia melhorado, chegou e se postou à cabeceira da cama de Zé Roberto e ao ouvir o que disse o Sr. Justino confirmou:

- Sinto isso também. Há algo de angustiante em meu coração, mas não por conta da doença do Zé, porque dentro de mim sei que ele fisicamente está bem. É outra coisa, mais poderosa, mais forte e que foge do mundo físico em que estamos vivendo neste quarto.

O mais estranho para Zé Roberto é que , enquanto as ações que ele vivia em seu sonho se passava rápido , no quarto do hospital, o tempo corria mais lentamente. As pessoas ainda estavam em torno dele e começavam a rezar: era preciso iniciar uma sessão para eliminar o obsessivo que mantinha Zé Roberto preso naquela espiral do tempo.

O primeiro a falar sobre isso foi o Sr. Justino:

- Na conceituação do Codificador, é possível o domínio que alguns espíritos podem adquirir sobre outras pessoas. São sempre espíritos inferiores que procuram dominar aquele que sofre da obsessão, pois os bons não exercem nenhum constrangimento. E há a obsessão de desencarnados para com os encarnados. Essa forma de obsessão existem em função de ligações afetivas, paixões, ódios, vinganças, etc., e que traz muita desarmonia, chegando a produzir uma série de sinais e sintomas físico , que se assemelham a doenças materiais.

- Não há nada que possamos fazer ? perguntou Dona Elza, mãe de Zé Roberto

- Quando a doença é física a cura se dá sempre pela substituição de uma molécula má por uma molécula boa. Aqui não se trata disso , assim a cura depende muito da força de vontade do obsedado, a quem cabe também imprimir sua energia para se livrar da obsessão, respondeu o Sr. Justino...

- Ademias, continuou, não creio que seja um caso de obsessão simples. Sinto que Zé Roberto está preso, amarrado, como que numa prisão e que o impede de vir a ser ele mesmo.

- Mas, como? , pergunto D. Elza , mãe de Zé Roberto. Ele está impedido de voltar a este mundo ?

- Praticamente isso, disse Sr. Justino, esta é a causa da demora em se recuperar deste falso coma. Há forças impedindo que ele volte, mas não sinto

doença alguma. Mais parece uma influência muito negativa e poderosa sobre ele.

Zé Roberto ouviu o que foi dito e se lembrou, veio à sua memória todos os fatos vividos por ele, Arthur, e Elvira, Margareth, naquela época longínqua e ele tremeu . Sabia o que havia se passado, a violência daqueles acontecimentos que ele não havia aceitado antes e também não queria viver agora. Mas tudo voltava a ser como naquele tempo. Oh, não , era demais!

Enquanto isso, Elvira vivia os mesmos momentos de angústia que ele, mas sem o saber. Sua saúde era boa, estava consciente, mas a todo instante em que Zé Roberto tinha sobressaltos, ela também reagia, tanto que o fenômeno começou a intrigar os médicos. Como poderia haver identidade de sintomas, mesmo quando ambos não estavam perto um do outro...

Capítulo II

Após o jantar, como havia sido combinado, os cavaleiros se reuniram na sala secreta, um lugar especial que havia no castelo e que o Conde Edward fazia questão de manter – a sala da Ordem dos Lírios.

Nas paredes, no teto havia símbolos da ordem e toda uma ritualística era necessária para que as reuniões começassem. Findo os rituais, Eudor sentenciou:

- Sabemos por que estamos aqui. Rudolf planeja se casar com Margareth e com isso solidificar sua condição ao trono caso o rei venha a morrer. O que, nos tempos de hoje é muito provável. Sua ambição é grande e temo pela Inglaterra nas mãos dele. Houve um tempo em que desejaríamos isso, quando ele estava conosco na ordem, mas hoje ele é outra pessoa e para ele é sincero, por mais que eu e ele fomos íntimos amigos, eu não o reconheço mais.

- Mestre, não é só isso, disse Arthur. Sei que Rudolf quer o trono, mas ele o trocaria pelo amor de Margareth. Ele possui uma paixão doentia por ela, sempre soubemos disso. Várias vezes ele demonstrou seu afeto e Margreth, sempre polida, e negou, mas que a deseja não tenho nenhuma dúvida.

- Mas um homem como ele, coloca outras coisas acima do amor, comentou Sir Robert, cavaleiro bretão fiel ao conde. Ele não é um adolescente.

- Sim, mas o pior é que ele se torna cego quando o assunto é Margareth. Há uma disputa nisso tudo, disse Arthur. E mais, eu sei que o amor que ele sente por ela não é interesseiro, mal intencionado. Ele realmente ama Margareth, a quer para si como esposa, não é um mero negócio de estado. Sempre fomos unidos, tanto que foi ele quem me trouxe para Ordem, vocês se lembram? Foi aí que descobri seu amor por ela e quando ele viu que eu e ela estávamos juntos, tornou-se meu inimigo.

- Então foi por isso que vocês se separaram, perguntou Eudor?

- Sim, por causa de Margareth. Tudo bem que ele pode até desejar o trono, mas não sem ela, respondeu Arthur, e continuou, é uma paixão sem limites, somada ao fato de ter sido preterido por ela justamente por minha causa. Assim, são dois sentimentos fortíssimos juntos, um de amor e outro de ódio, convivendo dentro de um mesmo ser a um só tempo.

- Há perigo, então, concordou Eudor. E amanhã pode ser um momento de desfecho de todas estas questões.

- Não sei se quero atender ao rei, disse o Conde Eduard, ele não pode me forçar a nada. Ademais sempre lhe fui leal.

- Mas Rudolf o domina, retrucou Sir Frederik, outro membro da ordem presente, tenho informações seguras de que o rei lhe deve dinheiro. Todos sabemos das extravagâncias da coroa e quem paga os soldados do rei é Rudolf. Os capitães são leais a ele e não ao rei, no fundo é Rudolf quem reina, concluiu.

Houve um silêncio profundo na sala. Eudor moveu-se lentamente para o altar onde estava o livro da saga de Percival. Leu palavras numa língua céltica extinta e imediatamente uma luz brilhante encheu o local. Os presentes se ajoelharam em reverência e aos poucos uma figura foi se formando. Primeiro uma névoa, depois, passo a passo, uma imagem foi aparecendo. Todos sabiam que era Percival, e mais, trazia na mão o cálice sagrado.

Através de Eudor, Percival falou : “ Tempos difíceis se aproximam. Rudolf, que outrora fora da ordem, tem poderes muito fortes, ele sabe dos mistérios. Com isso, além dos poderes materiais, ele também domina forças espirituais poderosas. Um embate está por vir e se os cavaleiros entrarem nesta contenda, muitas vidas serão ceifadas, e digo que inutilmente. A luta de Rudolf no reino está vencida, ele pode mais que o rei, se quiser a coroa, basta ir buscá-la. Mas seu desejo é o que teme Arthur : Margareth. Um amor doentio que transtorna a mente daquele homem e ele não cessará enquanto não a possuir para si. Você, Arthur, será chamado em contenda. Rudolf tentará levar a questão até a definição numa justa, a qual você dificilmente poderá vencer, mas uma revelação será feita que irá mexer com o coração de Margareth e aí, seja quem for o vencedor, não terá dela o amor que espera ter. Cuidado, ajam com cautela e evitem uma contenda total a qualquer custo ,porque ela não acabará com as lutas no campo de batalha. Esta é uma luta que estará sendo travada nos corações humanos”.

Eudor calou-se e aos poucos a luz foi esmaecendo até sumir novamente. Os presentes ficaram atônitos “uma revelação será feita”, qual seria ela ?

Após este instante, todos rezaram e foi feito um ritual de encerramento daquele encontro. Depois disso, cada qual foi para seus aposentos, o dia de amanhã seria difícil.

Capítulo IV

No hospital, a situação não tinha mudanças. Era desalentador para os médicos, nenhuma doença aparente e Zé Roberto num estado que não era coma, mas uma especie de torpor, um adormecimento.

Como os médicos sabiam das convicções religiosas daquelas famílias, aos poucos foram ficando mais condescendentes com algumas práticas que eles insistiam em fazer dentro do quarto do hospital e finalmente concordaram que um médico da família viesse para analisar o caso.

Dr. Pedro era um clínico geral que militava no espiritismo há muitos anos. Já havia escrito obras importantes sobre a cura médica e a cura espiritual e todos tinham mais do que respeito por ele, tinham esperanças de que pudesse explicar o que estava acontecendo.

Depois de uma breve prece, Dr. Pedro começou falando aos presentes :

- A atuação dos espíritos se dá sobre os fluídos espirituais, quando o que se emprega é o pensamento e não a matéria, que é uma consequência apenas. A mão para os homens é a força de vontade; para os espíritos a força é o pensamento , por isso Zé Eduardo não está sofrendo nenhum mal físico, apenas espiritual. André Luís nos ensina no livro “Nos domínios da Mediunidade” que os pensamentos de crueldade, de revolta, tristeza, amor, adensam a alma . Com isso , elas ficam prisioneiras de obsessores, mas não é um caso clínico.É preciso tratar tanto do obsedado como do obsessor , por isso precisamos descobrir quem está obsidiando Zé Roberto, mas pelo que podemos ver, somente o próprio Zé Roberto sabe isso e em estado de letargia não conseguiremos extrair dele informações. Por isso, valem as preces, tanto para ele quanto para aqueles que o prendem neste estado ruim.

Dr. Pedro foi mais além :

- O que Zé Roberto está vivendo é só dele. Todos nós ignoramos os porquês dele e desta força maligna. Não podemos doutriná-la, porque ela não se manifesta, ela apoderou-se de Zé Roberto que parece não ser mais o Zé Roberto que conhecemos neste momento. Esta força esteve latente por anos ao lado dele e agora, quando de sua fraqueza física, provocada pelo acidente, fez om que a e sua espiritualidade ficasse vulnerável, e esta foi a oportunidade para este obsessor se manifestar com intensidade. Contudo, tudo está difuso e não consigo perscrutar nada. Resta-nos, por ora, apenas rezar...

.....

Enquanto isso, no castelo do Conde Edward, todos acordaram cedo para os preparativos de recepção do Duque Rudolf. A manhã era graciosa, e apesar do sol forte, havia uma brida suave que corria pelos campos e entrava pelas janelas do castelo, como que desejando um bom dia a todos que lá estavam. A criadagem já havia se movimentado para o almoço, hora provável da chegada de Rudolf . O banquete seria grande, uma vez que havia muitos cavaleiros da Ordem dos Lírios e Rudolf, por sua vez, nunca viajava só. De fato, perto das 11 horas, o vigia da torre gritou:

- Comitiva a oeste !!

Aos poucos, as bandeiras tremulando começaram a surgir , brilhando ao sol da manhã. Eram inúmeras. Cada uma trazia um brasão representativo , mostrando as terras que o duque possuía sob seu comando. Realmente, ele era um homem muito poderoso. Logo atrás, um pelotão de guardas e lanceiros, marchavam com garbo, depois vinha Rudolf e sua comitiva de nobres e cavaleiros sempre leais a ele. Ao final, uma tropa inteira de soldados, muito mais do que o necessário para uma visita amigável.

Da amurada do castelo, Eudor sentenciou:

- Ele tenta nos intimidar, trouxe homens que por si sós são capazes de investir e tomar o castelo , se assim desejar.

Ao comando de um dos nobres, a comitiva de Rudolf se separou dos demais soldados que começaram a se organizar para fazer ali próximo seu acampamento, e o duque, com seus leais, veio diretamente ao castelo.

Na chegada, foram saudados por toques de corneta e guarda de honra como era comum se fazer. Rudolf era um homem especial. Magro, alto, cabelos negros, longos, barba bem feita, corpo atlético. Andava com desenvoltura e elegância. Seus olhos eram negros e incisivos, um olhar direto seu penetrava como um fecho. Vestia-se de preto, sempre, por isso era conhecido com Rudolf, the Black. Trazia uma espada e uma adaga na cintura, além de no pescoço trazer condecorações das batalhas que venceu. O que mais saltava aos olhos era uma espécie de broche, um brasão especial, dado pelo próprio rei a ele, a única pessoa a ter este tipo de comenda em todo o reino. No pescoço, ele trazia uma medalha cortada ao meio. Ele mesmo admitia ser um talismã misterioso que sempre o acompanhara desde os tempos de infância e que, um dia, poderia lhe trazer alguma luz sobre seu passado, já que sua origem era conhecida de poucos. Sabia-se apenas que era nobre e fora praticamente criado por Eudor quando pequeno. Depois de moço, seguiu sua vida, com uma herança que seu pai, um nobre escocês, havia lhe deixado. Havia entrado para a Ordem dos Lírios através da mão de Eudor, o qual nunca escondera que desejaria tê-lo como seu sucessor, mas Rudolf veio a sair da Ordem, frustrando as pretensões do velho mestre.

Apesar de temido, ele era adorado por muita gente. Era um homem bonito, rico, poderoso, e um grande cavaleiro, exímio espadachim, fora campeão de vários torneios no reino e por isso povoava o sonho de um sem fim de damas na corte

Ele desceu de seu cavalo e deu um abraço fraternal no Conde Edward:

- Eduard, meu companheiro de armas, que prazer estar aqui.

- O prazer é todo meu em recebê-lo Rudolf.

Apesar da diferença de idade, o conde era bem mais velho, ambos haviam combatido lado a lado nas guerras da Bretanha e nas contendas contra os mouros da Península Ibérica, quando um episódio envolvendo o conde e o duque ensejou uma história de bravura e acabara por virar inúmeras canções para os menestrelis. Não eram raras as vezes que nos saraus da corte, ou nas ruas, junto do povo mais simples, esta história era declamada ou cantada. Tanto os nobres, como o povo simples via o conde e em Rudolf, sobretudo, heróis nacionais. Tinham sido amigos, inclusive,

sinceros, enquanto pertenceram à Ordem dos Lírios. Depois Rudolf se afastou, mas havia ainda entre ambos um respeito antigo e sincero, por isso se admiravam e era até possível que existisse um resto antigo de afeição

- Mas vejo que veio com muitos soldados, disse Edward, devo temer?

- Ah, meu amigo, você jamais deve temer a mim, sabe o quanto lhe respeito e quero bem, disse Rudolf. É que os tempos de guerra fazem os soldados se manterem espertos e ágeis, mas o tempos de paz os tornam ociosos e por isso, lentos. Aproveitei esta visita para fazer exercícios com uma parte de meus homens. Uma parte pequena, que está sempre perto a meu comando e cuja lealdade jamais é questionada. Assim, eles acamparão do lado de fora do castelo para a prática militar e, se for de seu agrado, eles poderão fazer exibições. Isto sempre agrada as pessoas, principalmente as damas.

Esta explicação de Rudolf pareceu soar como um aviso a todos os presentes.

- Seria uma honra ver a destreza de seus homens, respondeu o conde.

Em seguida, Rudolf virou-se para Eudor e disse:

- De todas as pessoas nesta terra abençoada por Deus, aquela que eu tinha mais certeza de que encontraria aqui era você, Eudor, meu maior e mais importante mestre. Disse isso e fez uma profunda reverência.

- Rudolf, meu amigo, é um prazer estar consigo mais uma vez. Posso ver pelas bandeiras que seus domínios aumentaram.

- Deus tem sido generoso comigo.

- Vejo que não só seus poderes materiais cresceram, mas as vibrações que posso sentir vindas de você mostram que espiritualmente você também cresceu, meu caro.

- Tenho viajado muito, Eudor. Inúmeros são os mestres com os quais venho conversando sobre os valores espirituais da vida e demais conhecimentos esotéricos. Acabei de chegar da Espanha. Fiquei maravilhado com o que vi, ouvi e aprendi. Foram experiências magníficas, rituais e práticas que eu nunca havia imaginado. Mas, reafirmo o que disse, na frente de todo os presentes – e olhou em volta - não encontrei ninguém que pudesse se equiparar a você, Eudor. Pela sua voz e pelo seu olhar, dava para perceber que Rudolf disse isso com sinceridade.

- Gentileza sua, mas fico-lhe grato.

Em seguida, Rudolf se virou lentamente para Arthur.

- E como está meu afilhado na Ordem, ainda permanece nela ?

- Duque, disse Arthur em profunda reverência. Sim , ainda sigo pelo caminho dos lírios no qual o senhor me introduziu. E agora ouvindo de sua boca que ninguém se equipara a Eudor, sei que estou na senda certa.

- Fico feliz, principalmente ao ver que também inúmeros companheiros estão aqui na casa de Edward. Presumo que possa eu ter sido responsável pela união de tantos nobres cavaleiros. Espero que seja, pois isto me honra e me faz lembrar de tempos antigos quando cavalgávamos juntos

E foi desfilando um a um o nome dos presentes. E quando parecia que iria dizer algo a mais , Margareth surgiu na sala. Foi um instante especialíssimo. O duque suspendeu a palavra e seu olhar se tornou radiante, virou-se para ela, estendendo a mão e pronunciou seu nome com tamanha intensidade que difícil seria não percebê-lo:

- Margareth ...

Era fácil perceber que ele a amava de fato ,mais, amava-a profundamente. Um amor quase que servil, algo que raramente se poderia esperar de uma figura tão poderosa. Pelo seu jeito de olhar , pelas mesuras que fazia, quase que infantilmente, era difícil de acreditar que aquele homem tão poderoso e respeitado, amado por tantas mulheres, pudesse se prostrar gente àquela donzela.

Ela também lhe fez reverência e ao fazê-lo, seus cabelos loiros caíram sobre o colo. Quando levantou a cabeça , sorrindo ao lhe dar boas vindas, seus olhos azuis encontraram os dele. Para ela, era apenas um gesto de amizade a alguém que visitava seu pai, mas para ele, aquilo era o paraíso.

Rudolf fez um gesto e imediatamente um serviçal de sua comitiva chegou perto dele com uma caixa de metal nas mãos.

- Senhores, disse ele, talvez eu devesse trazer presentes a todos, mas sei que ao presentear a filha do conde Edward, nosso anfitrião, estou presenteando os demais que aqui se encontram. Além disso, encontrar uma joia que fizesse jus a uma dama tão linda já foi difícil, imaginem achar tantas quantas são as damas igualmente lindas aqui presentes, seria impossível. Esta fala agradou a todas. E Rudolf prosseguiu: Margareth, aceite este presente como retribuição da hospitalidade de seu pai.

Ela sorriu, agradeceu e pegou a caixa. Ao abri-la, ficou maravilhada. Era um colar de pérolas com um medalhão em forma de cruz, em rubi.

- Milord, como posso agradecer tal presente ?

- Não precisa dizer nada, apenas use-o. Quando estive na Espanha, confesso, pensei em você ao ver esta jóia e por isso a trouxe.

A afirmação foi pesada demais, afinal, era sabido de todos que Arthur e Margareth tinham um compromisso. Arthur fez menção de colocar a mão na espada no que foi impedido por Eudor.

- Se é assim, em nome de meu pai, aceito, disse Margareth.

- Ótimo, disse o conde Edward, agora que a recepção está feita, vamos nos preparar para o almoço.

Neste instante um homem com olhar sinistro entrou na sala, aproximou-se de Rudolf, disse-lhe algumas palavras no ouvido.

- Senhores, falou o duque, Felipe me informa que meus homens estão acampados. Todos conhecem Felipe, pois não? Meu conselheiro e amigo leal. Felipe fez uma reverência aos presentes.

Felipe de Toledo era um nobre espanhol de origem incerta. Sobre ele pairavam suspeitas de crimes e conchavos com pessoas inomináveis. No momento, ele era uma espécie de faz-tudo para Rudolf que o chamava de secretário e conselheiro. Andava de preto como o Duque, mas carregava na cintura algumas facas com as quais, comentava-se, ele havia cometido vários assassinatos, alguns com cruel covardia. Sua habilidade com a faca era conhecida em quase toda a Europa. Era um homem pequeno, mancava de uma perna, tinha uma voz fina e o rosto macilento. Para muitos, como Eudor, ele pertencia a alguma ordem secreta para a qual conseguiu arrastar o duque. Na verdade, era a sombra de Rudolf, uma sombra maligna e protetora, capaz de dar a vida pelo seu senhor, assim como matar em seu nome. A verdade era que, após o relacionamento com Felipe, Rudolf se tornou mais forte espiritualmente e passou a dominar conhecimentos de magia, além de se tornar exímio espadachim, já que treinava diariamente com Felipe.

- Então, vamos ao almoço, sentenciou o Conde.

.....

Para Zé Roberto, se naquele tempo de antes, os dias passavam rapidamente, no hospital o tempo parecia parar. Não havia melhora no seu estado de saúde: ele estava preso naquele tempo de outrora e apenas se sabia que sua prisão era fruto de uma força maligna, cruel e poderosa.

As perseguições espirituais que geralmente são fruto de vingança dizem de perto a resgates cármicos. Muitas vezes são resgates reais, mas outras vezes são fruto da imaginação de obsessores. Zé Roberto não tinha, em verdade, o que pagar, ao contrário, sempre fora bom filho, bom namorado, amigo de todos no bairro.

Seguramente, aquele mal era algo que se referia a outra vida. Mas o quê?

- Pelo amor de Deus, o que podemos fazer? indagou o pai de Zé Roberto. Somente rezar?

- Sim, respondeu Dr. Pedro, e lhe digo, a prece é a mais poderosa das medicações. Aliás, é a única medicação espiritual que conhecemos.

Capítulo V

O almoço foi festivo. Por uma questão de cortesia, Rudolf se sentou à mesa do conde, perto de Margareth com quem conversou muito animadamente. Isto aumentou ainda mais o ciúme de Arthur. Mas nada ocorreu que pudesse empanar o brilho daquele momento.

Findo o almoço, as damas se retiraram e os nobres foram para o salão de armas de modo a continuar a conversa. Apenas Margareth permaneceu com o grupo para continuar com anfitriã e ajudar seu pai caso fosse preciso.

Foi neste momento que Rudolf começou a introduzir os verdadeiros motivos que o trouxeram até o castelo do conde Edward. Apontando para uma adaga que o conde carregava consigo na cintura – já que ele sabia da história de longa data, posto ter sido repetida várias vezes, disse extasiado:

- De fato uma bela arma, caro conde !

Foi a deixa , e Margareth, que adorava contar aos visitantes esta aventura de seu pai, se antecipou e começou a relatar:

- É uma adaga espanhola, de Toledo, provavelmente. Meu pai a trouxe da campanha em que os nobres ingleses ajudaram os cristãos da Península Ibérica. Muitos que participaram daquela campanha estão nesta sala e ainda se lembram . Inclusive o duque Rudolf, não é mesmo ?

Rudolf concordou com a cabeça, e Margareth continuou :

- Meu pai estava preso num calabouço mouro e sua morte já havia sido decretada. Neste momento, foi salvo por uma pessoa que eu costumo chamar de anjo de Deus.

- Não diga, exclamaram os que ainda não sabiam da história.

- Esta participação naquela guerra , feita pelo conde Edward é uma das cantigas que os menestréis cantam até hoje, corroborou Arthur, o que agradou Margareth, que continuou a narrar:

- Meu pai estava ferido, já o havia torturado com ferro em brasa perto dos olhos e eles estava praticamente cego, e como não podia se defender, ficou à mercê da mão de Deus. Foi então que apareceu um homem, um anjo de Deus, como eu disse. Ele lutou contra as sentinelas quando foram torturar meu pai pela última vez antes de levá-lo ao patíbulo para ser decapitado. , tanto assim que os mouros , após dominarem este homem misterioso, com ferro em brasa marcaram seu peito.

- Mesmo estando com os olhos feridos, deu para eu ver apenas o ferro incandescente, era uma meia-lua e uma espada sarracena cruzadas, disse o conde Edward.

E Margareth continuou:

- Neste momento, houve um tumulto de revolta no calabouço, e este homem, mesmo ferido e marcado, conseguiu tirar meu pai de lá, levando-o para a floresta e entregando-o a camponeses para que cuidassem dele até que recuperasse a visão. Inclusive ensinou os camponeses a colher ervas para curar a cegueira temporária de meu pai. Antes de partir deixou esta adaga com meu pai. Meu pai, mesmo sem ver seu rosto, retribuiu dando a ele seu anel. Em pouco tempo, meu pai curou a visão e voltou aos campos de batalha e sua atuação com todos que estava lá foi decisiva na vitória dos cristãos.

- E quanto ao benfeitor? indagaram, e Margareth respondeu:

- Por mais que procurássemos, este homem, nunca foi achado, ou mesmo ninguém soube dizer quem ele era. Por isso, mesmo sem conhecê-lo, mantenho-o nas minhas preces até hoje.

- Um nobre, sem dúvida, disse Eudor. Talvez tenha morrido e com isso jamais poderemos reverenciar seu nome.

- Sempre serei grata a esse homem, disse Margareth. Durante muito tempo, já que ele possuía o anel com o brasão e poderia chegar até nós, esperamos que viesse a ter conosco para lhe agradecer com o que pedisse, afinal, por ter salvado meu pai, nada poderíamos lhe negar.

E relatou os episódios que se seguiram, os combates e a vitória dos cristãos sobre os mouros, na qual Edward teve participação decisiva. Era uma história realmente fascinante, pela bravura de Edward, mas sobretudo pela figura do homem fascinante que salvara o conde e sumira na bruma do tempo. Um anjo como reafirmara Margareth várias vezes.

- O conde Edward pôde voltar à Inglaterra e seu exemplo foi seguido por muitos cavaleiros. Tenho a honra de frequentar esta casa e ter o conde como exemplo de vida, disse Arthur.

Todos se calaram por alguns segundos e foi Rudolf quem quebrou o silêncio:

- Uma história realmente maravilhosa, sempre que a escuto, fico emocionado. Mas, meu caro conde, você deu a ele o seu anel?

- Sim, aquele que recebi de meu pai e que trazia o brasão desta casa. O único de sua espécie. Esperava que com o anel eu pudesse identificar meu benfeitor.

Inclusive esperei no meu íntimo que ele um dia chegasse até mim, mas durante todos estes anos a espera foi em vão.

Foi neste momento que um fato surpreendente, totalmente fora de qualquer previsão aconteceu. Rudolf , que estava sentado, compartilhando aquele momento emocionado, levantou-se e chegando mais perto do conde , tirou um anel do bolso de seu colete negro e indagou:

- Seria este o anel? Mostrando- o ao conde.

Fez-se um espanto total na sala. Edward rapidamente pegou o anel com as mãos trêmulas e emocionado confirmou:

- Sim , é este meu anel. Como chegou até você, meu caro amigo?

- Você me deu naquele dia , Edward, sentenciou Rudolf.

Foi um espanto total. Teria sido ele, Rudolf, o salvador do conde ? E mais , o duque, continuou a falar:

- Mais que o anel, meu caro amigo, desabotoando a sua túnica e mostrando o peito aos presentes, perguntou a Edward, teria sido esta marca ?

O conde, cambaleante, achegou-se de Rudolf, e atônito vendo a marca, bradou em tom alto para que todos pudessem ouvir :

- Meu salvador ! Em seguida, pegando-lhe a mão a beijou.

- Pare com isso, Edward, sei que teria feito o mesmo por mim, disse Rudolf.

- Mas por que me dizer agora, depois de tanto tempo de silêncio ?

- A vida segue seu curso, meu caro conde. Para Aquele , que todos nós sabemos quem é , e que tudo vê e sabe, os acontecimentos seguem uma outra ordem que não a cronológica vivida por nós. Talvez seja este o momento das dívidas serem saldadas, não antes. Quem sabe os desígnios do criador ?

Ao ouvir isso, Arthur estremeceu. Seu olhar encontrou o de Eudor e as palavras de Percival foram finalmente entendidas por todos aqueles que estavam na reunião da noite anterior , “ uma revelação será feita ...”

Margareth se achegou ainda mais de Arthur e apertou sua mão. O Duque olhou para todos com um imenso ar de vitória e sua figura cresceu na sala. Ele havia sido o grande herói, o homem que salvara Edward, o anjo de Deus a que Margareth se referira. E mais, nunca havia vindo cobrar pelo favor feito. E por que agora ?

- Caro conde, começou a dizer Rudolf, trago aqui uma carta com a chancela real, a qual passo-lhe às mãos. É do rei.

O conde pegou a carta e a leu em silêncio com as mãos trêmulas. Após o quê, levantou os olhos fitando a todos, e disse:

- Sua majestade, que como sabem, é meu primo, diz aqui que vê com bons olhos a união desta casa com a casa do Duque Rudolf. Assim, por pedido do próprio duque, aconselha-me a conceder a bênção para união dele com Margareth.

- Jamais, bradou Arthur, desembainhando a espada, no que foi seguido pelos nobres cavaleiros da ordem. Imediatamente, os nobres que acompanhavam, Rudolf fizeram o mesmo. Um clima de combate se instalou naquela sala e muito provavelmente teria sido levado a cabo. Apenas Rudolf permaneceu calmo, com a espada embainhada, num clima de total tranquilidade.

- Parem, gritou o conde, respeitem minha casa, não permitirei que haja luta em meu castelo.

Eudor que não havia se movimentado, completou:

- Cavaleiros, este não é o palco das contendas.

Então, Rudolf que não havia dito nada, ao contrário, limitou-se a ficar em seu canto, embora Felipe já tivesse vindo perto dele como que protegendo-o de qualquer mal, olhando ao redor, disse:

- Cavaleiros, quanta bravura, mas inútil no momento. Mais que isso, é assim que se portam frente à vontade do rei a quem todos juraram lealdade? E mais uma vez com a túnica desbotada, pôs a mão na cicatriz, olhou para Edward e para Margareth, e continuou falando.

- Seriam falsas as palavras sobre o agradecimento eterno àquele que lhe salvou a vida, meu caro conde? E mais, o anjo de Deus, disseram nesta sala, e olhando com ternura para Margareth, é assim que se pagam dívidas que valeram uma vida e fizeram de Edward um dos grandes cavaleiros de toda a Inglaterra, cantado pelos menestréis e admirado pelos nobres do reino?

Após isso ficou em silêncio, olhando incisivamente a todos os cavaleiros da ordem, e concluiu:

- Caro conde, apesar de minha confiança em sua pessoa, sinto que não tenho mais segurança neste castelo. Vou ter com meus homens no acampamento e lhe dou

dois dias para refletir sobre a resposta que me deves. Aliás, o próprio rei já está a caminho para selar este compromisso.

Voltou-se para Eudor e desabafou:

- Veja isso, meu querido mestre. Mais uma vez os cavaleiros da Ordem que eu tanto respeito se voltam contra mim que nada fiz, a não ser salvar o conde Edward, uma lenda de nossa pátria. E chegando mais perto de Margareth:

- Minha cara senhora, desde há muito podés sentir o amor que vos dedico e eu a faria a esposa mais feliz da Inglaterra. Quero que pense nisso também. Não se trata de uma dívida a ser cobrada ou paga, nem apenas da vontade do rei, trata-se de um profundo amor que guardo em meu peito e que pertence apenas a você.

Disse isso, inclinou-se em reverência e saiu seguido de todos os seus acompanhantes.

.....

No leito do hospital, Zé Roberto estremeceu e um soluço veio do fundo de sua alma., estava chorando e aí ficou claro que ele vivia um outro momento de uma outra vida, e este instante não era bom.

Dr. Pedro disse ;

- Está acontecendo, Zé Roberto precisa muito de nós daqui para frente. Vamos mentalizar energia para ele, dar-lhe forças, enchê-lo de luz. Como diz o Livro dos Espíritos, os espíritos maus ficam satisfeitos em verem os bons privados de felicidade e Zé Roberto começa a se sentir infeliz, isto o enfraquece enquanto a maldade cresce a seu redor.

Sr. Justino indagou:

- O irmão fala sobre a antipatia entre duas pessoas?

- Sim , disse o Dr. Pedro, e continuou , lá está escrito que há repulsa entre o bom e o mau espírito e este relacionamento não gera boas causas se o mau espírito não se prontifica a melhorar. Mais que isso, os espíritos maus desejam que os bons sofram como eles e mesmo sem que seus sofrimentos diminuam , eles se sentem satisfeitos por verem os bons sofrerem, por inveja, ódio. Acho que é este o momento que Zé Roberto está sendo forçado a viver

novamente. Sua dor daquela vida faz com que ele fique mal agora. Creio que é um caso profundo de vampirismo.

- Vampirismo, o que é isso, perguntou aflita Dna. Elza, mãe de Zé Roberto.

Dr. Pedro explicou, tentando ser didático sem assustar os presentes:

- É uma ação pela qual Espíritos involuídos, arraigados às paixões inferiores, se imantam à organização psicofísica dos encarnados, chegando a lhes sugar até a substância vital. É um processo grave de obsessão que pode ocasionar sérios danos ao hospedeiro , levando-o à loucura ou até mesmo à morte.

- Significa que Zé Roberto pode morrer ? continuou indagando aflita Dna.Elza.

- Estamos aqui para que isso não aconteça, retrucou Dr. Pedro e aumentando sua explicação:

- Há espíritos muito apegados às sensações materiais e prosseguem, após o túmulo, a buscar as sensações que desfrutavam quando encarnados, são obsessores, por vingança e ódio, ligam-se às suas vítimas com o intuito de fazer valer sua intenções nefastas. Mas estamos aqui para proteger Zé Roberto, com nossas boa vibrações e muita oração.

Capítulo VI

Após a saída de Rudolf, uma confusão estabeleceu-se na sala de armas, todos falavam ao mesmo tempo. Inúmeras idéias eram ditas , desditas , era preciso coordenação das ações e esta partiu , como sempre, de Eudor.

- Silêncio ! Não adianta nada agirmos assim, não está sendo produtivo. A situação é determinante: Rudolf quer Margareth, tem uma carta do rei e homens lá fora. Ninguém conseguirá sair daqui para chamar suas tropas e nem isso é o que desejamos, lembrem-se de Parcival : a contenda é inútil. E virando-se para o conde indagou:

- O que você quer fazer, Edward ?

- Não sei , Eudor. Jamais poderia imaginar que meu salvador fosse Rudolf. Até mesmo Margareth, embora ele sempre estivesse por perto se insinuando, não imaginava isso.

- Meu pai, como fica a minha vida agora ? Indagou Margareth.

O conde balançou a cabeça negativamente como que querendo dizer que não sabia. Foi Arthur quem apresentou a solução mais viável:

- Um duelo, cavaleiros. Ofendido pelo Duque já que o conde me havia dado a permissão de cortejar sua filha e era de conhecimento de todos, posso chamá-lo para um combate, e como fui o ofendido, escolho o local e a data , embora ele escolha as armas. Com isso ganharemos tempo.

Os presentes se entreolharam. Era de fato a melhor opção para o momento. A única pessoa a não concordar foi Margareth:

- Prefiro uma vida infeliz com o Duque a vê-lo morto, disse ela.

- Prefiro a morte a vê-la infeliz ao lado daquele homem, disse Arthur.

Eudor, entretanto parecia longe, em profunda introspecção como que recapitulando cada passo daquele acontecimento. Virou-se para o conde e disse :

- Tem certeza sobre o anel, meu amigo?

- Sim, é de meu pai. Há uma marca nele que eu mesmo fiz e ninguém poderia saber, só eu.

- E a cicatriz , é a mesma ?

- Tudo parece que sim, mas por que esta dúvida , Eudor?

- É que ela me pareceu perfeita demais. Se , de fato, isto ocorreu há tanto tempo, deveriam haver alterações na sua conformação. Uma distorção qualquer fruto da passagem do tempo, a deformidade da pele... A cicatriz me pareceu recente demais. E se Rudolf não for o seu salvador ?

- Mas como ? Quem saberia da história, da marca ?

- Seu verdadeiro benfeitor. Não podemos esquecer que você ficou preso em Toledo e esta é a cidade de Felipe.

- Mas , Eudor, isto é especulação, disse o conde. Ademais não temos tempo e nem como descobrir a verdade.

- Concordo, disse Eudor. Então só resta a alternativa de Arthur.

Margareth estremeceu. Rudolf era um combatente experiente, e Arthur apenas um jovem ainda não testado por completo nas lutas.

- Não, Arthur, disse ela. É arriscado demais.

- Mas é a única coisa que podemos fazer neste momento. Ganhamos os dois dias que Rudolf nos deu e mais alguns que você terá direito ao escolher o dia e a hora. Talvez surja uma opção nova, desabafou Eudor.

Todos concordaram com isso.

Por outro lado, assim que saiu do castelo, Rudolf começou a tomar suas providências

- Felipe, mande espalhar pelo reino que eu sou o salvador de Edward. Chame nossos menestrelis para que eles componham canções desde já e cantem pelo reino afora. Inclusive envie um emissário ao rei para contar o ocorrido. Preciso que o povo esteja a meu lado, o que reforçará a vontade do rei. Mande vir mais homens, mas à noite para não afrontar os cavaleiros do castelo. Eu acho que a solução deles será a

proposta de uma contenda entre mim e Arthur o que muito me facilitará , ele é jovem e mais fraco.

Felipe ouvia atentamente e dava ordens aos seus homens para que as providências pedidas pelo duque fossem tomadas.

- Ah, Felipe, nosso plano foi um sucesso. Encontrar em Toledo o salvador de Edward foi sorte, meu caro. E graças a você.

- Mas a sorte favorece os mais dotados, milord.

Havia sido por puro acaso que Rudolf encontrara o portador do anel. Numa estalagem de Toledo, um jovem fanfarrão e bêbado, vendo que Rudolf era inglês, achegou-se dele e mostrou o anel. Havia sido de seu pai, que morrera em combate, mas lhe contara a história com alguns detalhes . Quando morreu , os pertences vieram então às mãos do filho que não sabendo da importância daquele brasão , guardou-o por longo tempo na esperança de fazer um bom dinheiro com ele.

Rudolf logo reconheceu o anel quando o viu, e como sabia da história, imediatamente se prontificou a comprá-lo se fazendo passar por colecionador de brasões antigos da Inglaterra.

Para o jovem beberrão, foi uma oportunidade única: ganhou um bom dinheiro e desvencilhou-se de uma joia que ele não sabia o significado.

Faltava a cicatriz, o que custou a Rudolf uma dor imensa, mas que valeu a pena ao final.

- A marca a ferro doeu demais, apesar dos seus unguentos, Felipe, mas viu a face deles ao verem meu peito queimado a ferro?

- Sim , milord, disse Felipe e sorriu

- O mais impressionante foi Margareth. Ela ama Arthur, eu sei, mas não poderá negar o meu pedido. Creio que ela será contra o duelo, mas não haverá outra solução.

- E depois, senhor, perguntou Felipe.

- Como depois ?

- Haverá o casamento, e depois, a conquista terá chegado ao fim ?

- Jamais ! Felipe, eu amo Margareth. Abandonaria meu plano de tomada da coroa por ela. Nada teria sentido sem ela. Além do que , preciso fazer com que ela me ame e só conseguirei isso se vencer a contenda e perdoar a vida de Arthur. O duelo

será realidade, mas não apenas uma disputa amorosa, seu significado é muito maior. Ademais, eles têm o aconselhamento de Eudor, que, mais do que ninguém, compreende que se Arthur não aceitar a vontade do rei, passa a ser motivo de traição. Não tenho nenhuma intenção em matar Arthur, Felipe. Se vencer, vou perdôá-lo.

- Mas, senhor, ele será então um inimigo eterno.

- Eterno enquanto viver. Que outro o mate, tomaremos providências para este fim, mas não eu. Assim terei salvado o pai e o namorado.

- E se a sorte favorecer Arthur, milord?

- Então será cumprido meu destino e Margareth será feliz com outro homem.

- As mulheres em Toledo vêm depois das questões de estado, milord.

- Na Inglaterra também, Felipe, mas aqui - e apontou para o seu coração - aqui não. Sem Margareth minha vida não tem sentido. Consegui tudo o que quis, só falta ela para minha vida estar completa. Tenho vergonha por mentir sobre esta farsa toda. Envergonha-me fugir da honra que sempre defendi e que pautou minha vida, só que ela prometeu seu coração a outro, frustrando meu amor. Promessa, apenas, não concretizada ainda, por isso luto como posso e estas searas do amor são diferentes das contendas de batalha. Apenas sei que não conseguirei viver sem o amor de Margareth. E concluiu: somente Eudor terá cabeça e astúcia para solucionar este impasse. Tenho receio dele, e até mesmo constrangimento, caso ele descubra a verdade. Seja como for, vamos seguir com o nosso plano.

- Como desejar, senhor.

Capítulo VII

Margareth e Arthur não se largaram mais desde aquele momento. Havia, entretanto, um profundo silêncio entre eles.

- O que lhe aflige, Margareth ? Perguntou Arthur.

- Tenho medo por você.

- Não tema, sei me defender.

- Mas ele é um guerreiro habilidoso. Suas façanhas estão aí para quem quiser saber. E também ele é mais forte, um homem maduro, forjado na guerra, bom combatente, espadachim treinado por Felipe, que dizem ter pacto com forças malignas. O duque treina diariamente, pelo que dizem os seus serviçais.

- Também sou bom combatente, meu amor.

Ela se calou pensativa. Arthur, então falou o que estava engasgado na sua garganta desde a manhã.

- *Existe alguma coisa a mais que eu não saiba no seu coração, Margareth? Há a palavra empenhada de seu pai querendo agradecer seu benfeitor, bem antes de conceder sua permissão para eu cortejar você. Ademais, há a vontade do rei, o que pode pôr em perigo todo o castelo e a vida de todos nós.*

- *É verdade, Arthur, são muitas coisas a um só momento. É difícil achar um caminho que satisfaça a tudo. Como negar ao rei? Ademais, toda a Inglaterra, através dos menestréis, canta a história do benfeitor de Edward. Os jovens se espelham nisso, todos adorariam saber quem foi o nobre que salvou meu pai, e mais, todos sabem que meu pai cumpriria a palavra de agradecer esse cavaleiro misterioso com o que quer que fosse. Logo a Inglaterra estará cantando louvores a Rudolf... Mais que isso, o próprio duque também é cantado como herói pelos seus feitos e pelas batalhas que venceu a favor de nosso povo. Juntar estes dois heróis numa única saga seria algo que excede qualquer força que possamos unir.*

- *Mas e quanto a você. Antes eu não tinha dúvidas de seu amor e agora que esse homem, esse anjo de Deus, apareceu e ele é Rudolf. Não é uma pessoa qualquer, é uma pessoa de carne e osso, um nobre poderoso, admirado por todos e que se declarou a você. E se seu coração...*

Ele ia continuar falando, mas foi interrompido pelos lábios de Margareth que o beijou com tamanho carinho e intensidade como jamais o fizera antes.

- *Arthur, meu coração é seu. Temo por você neste duelo, apenas isso. Jamais homem algum terá meu amor. Daria meu corpo para salvá-lo, mas minha alma é sua e sempre será. É preciso apenas achar um caminho para escapar desta situação.*

- *Não mais, Margareth. Ele se declarou, jamais voltará atrás. Ele também a ama e quer que você seja dele. Ademais, se a conversa tivesse sido a sós, talvez um recuo fosse possível, mas voltar atrás depois de tantas testemunhas... A esta altura, todo o seu pessoal de campanha que aí está na porta do castelo já sabe. Seus nobres já beberam em homenagem a você e ao Duque. Todos estão comentando que ele é merecedor do que quer que seja, afinal foi o salvador de seu pai. Não, não há recuo, tudo caminha para seu desfecho: o duelo. Seria justificável para mim desistir, bastaria um pedido de seu pai, mas isso é mais forte do que a minha vida, por isso se for perdê-la, farei isso lutando.*

O sol caía por detrás dos muros do castelo. Findava o primeiro dia. Com a cabeça apoiada no ombro de Arthur, Margareth olhava para o infinito do céu. Ambos sentiam seus corações apertados como se o seu mundo deixasse de existir. Há dois dias apenas, os sonhos de felicidade povoavam aquelas duas cabeças cheias de sonhos tão repletos de esperança no amanhã. Agora, viviam justamente o amanhã que seria o dia do temor, o dia quando os castelos dos sonhos ruiriam pelo chão, encarando a mais cruel das realidades.

Cada um foi para seu aposento e antes mesmo que tirasse a roupa para dormir, Eudor bateu à porta do quarto de Arthur.

- Arthur, sou eu, Eudor.

- Entre, meu mestre.

Eudor abriu a porta e em tom grave disse :

- Arthur, vou procurar Rudolf e falar com ele em nome dos velhos tempos.

- Mestre, não pedirei clemência, não me curvarei ao duque, reagiu Arthur com veemência.

- Não se trata disso, meu rapaz. Há muito em jogo aqui. Tudo bem que Rudolf ame Margareth, mas e os soldados lá fora, estamos sitiados, ninguém entra ou sai. Lord John tentou sair e foi impedido.

- O que o senhor quer dizer com isso ?

- Quero dizer que Edward corre perigo até de morte. Basta Rudolf se "sentir ofendido" com alguma coisa e ele terá achado uma desculpa para fazer o que desejar. Ele tem a carta do rei, se não o atendermos, ele poderá alegar traição e aí ninguém poderá imaginar o que ocorrerá.

- Mas eu tenho a prerrogativa do duelo.

- Rudolf sabe disso, e aposto que espera que tomemos este caminho e por mais que eu acredite na sua destreza, meu rapaz, ele vencerá. Lembre-se, ele pode escolher as armas. Se ele optar por um duelo de espadas...

- E o que você iria propor a ele ?

- Não sei bem, preciso senti-lo numa conversa particular. Eu o conheço muito bem, eu o criei, ele foi meu discípulo e apesar de hoje estarmos em mundos opostos, há um respeito que eu sinto vir do coração dele.

- Não sei ...

- E mais, tenho certeza de que a marca é falsa, minha intuição diz isso.

- Mas não podemos provar.

- Talvez, se ele for desafiado. Posso chamar peritos que atestarão o tempo da cicatrização. Até eu mesmo, com meus conhecimentos de medicina, posso verificar isso com uma análise mais apurada.

- Mas ele se negará a permitir.

- Não se for desafiado, aí a palavra dele poderá parecer falsa aos olhos de todos e ele cairá em desgraça.

- Mas então, ele apelará para a força.

- Eu sei, mas ele cairá em desgraça aos olhos de Margareth e se ele a ama como hoje sabemos que ama, jamais desejará isso. Por esta razão é que eu quero apenas intimidá-lo com um possível desafio de prova. Sei que se chegarmos a isso realmente, ele invadirá o castelo, por esta razão quero encontrá-lo para uma batalha de palavras, apenas isso.

Neste momento, o conde Edward bate à porta e entra nos aposentos procurando Eudor:

- Mestre, mais soldados de Rudolf chegaram. E outra coisa: já se comenta no burgo a história de Rudolf como meu salvador e os menestréis estão cantando novas canções. Sua figura cresce na voz do povo.

- Como você ficou sabendo?

- Um camponês que traz alimentos, verduras e carne para o castelo pôde passar e nos informou.

- Conde, disse Arthur, Eudor quer conversar com ele para ver se descobre realmente suas intenções.

- Talvez seja um caminho, não sei. É isso que diz sua intuição, Eudor?

O velho mestre relatou então ao conde o que havia dito a Arthur e mostrou estar convencido que seria um caminho. Ademais, Eudor ponderou que nada teriam a perder, seria uma conversa, não haveria nada ser proposto ainda, enfim, a conversa na sala de armas tinha sido pública e por isso, pessoal. Um encontro privado poderia ser mais revelador.

Os três acabaram concordando com a estratégia e imediatamente, Eudor se pôs a caminho do acampamento de Rudolf.

.....

No hospital, todos ainda rezavam quando :

- O dissimulador é astucioso, disse Dr. Pedro que permanecia em transe profundo, ele é capaz das maiores mentiras e com isso induzir as pessoas de bem a cometer erros de conduta e mudança de personalidade.

- Mas o que isso tem a ver com Zé Roberto ? perguntou D. Elza.

- Sinto que Zé Roberto não está só e que possui amigos a seu lado, mas mesmo assim há o perigo de inimigos poderosos.

Disse isso e se calou. Intuitivamente, aos poucos, na visão do Dr. Pedro uma figura se formava, ainda nebulosa, mas se formava. Ela se vestia de preto, e o médico, com sua força e bondade, começava a ter sentir mais intensamente a figura de Rudolf. Pela primeira vez , ele percebeu que poderia chegar até o duque, para poder conseguir uma conversa com tamanho obsessor. Se isso fosse possível , talvez conseguisse libertar Zé Roberto.

- Sinto um espírito forte, mau. É um caso que um nunca vi antes. Não tem as características da obsessão comum. Kardec no livro dos médiuns, no capítulo XXIII, dividiu as obsessões em quatro fases: a obsessão simples, a fascinação, a subjugação e a possessão. Não é isso. É uma prisão que deixa Zé Roberto agrilhado no passado como se fosse resgatar algo que não aconteceu e o espírito que o prende deseja que aconteça.

Calou-se por um certo tempo e depois desabafou:

- Temo apenas pelo desfecho que os fatos terão naquela vida e como isto poderá influir na vida dele hoje. Já vimos que ele sente sofrimento e dor. Seu perispírito é suscetível no tempo presente aos fatos do tempo passado? Não sei dizer. Se não for, Zé Roberto estará preservado e assim que terminar o conflito que vive no passado , voltará a ser o que sempre foi. Mas se seu perispírito sofrer agora as dilaceração que possam ocorrer no passado, o que acontecerá ?

Disse isso e calou-se, continuando a rezar em silêncio.

Capítulo VIII

A tenda de Rudolf era imensa. Nela estavam os brasões das conquistas do duque, as suas armas, a armadura de guerra, a mesa farta de comida e vinho, e

estranhamente, os mapas do castelo de Edward. Os serviçais entraram imediatamente e começaram a servir Eudor e o duque.

- Que alegria tê-lo em minha tenda, Eudor.

- A alegria é minha. Mas sinto uma preocupação em minha alma, pois vejo que você veio preparado para uma campanha.

- De jeito nenhum. É assim que sempre saio com meus soldados para os exercícios de combate e aqui não seria diferente. Mesmo porque minha tenda sequer seria montada, apenas o foi porque senti que correria perigo no castelo, afinal, foram os homens de Edward que puxaram as espadas primeiro.

- Mas o conde jamais permitira que algo lhe acontecesse.

- Será, meu caro Eudor? Não teria Edward outras intenções, chego a pensar nisso agora.

- Nunca, você sabe o respeito que ele lhe dedica, ainda mais depois das revelações.

- Justamente por isso. Prometer em momentos de agonia é uma coisa, cumprir depois é outra. Vi em seus olhos que, mesmo transparecendo agradecimento, uma ponta de raiva surgiu. Ademais, o conde é um herói para nossa gente e hoje tenho notícias de que meu nome já é cantado nas ruas do burgo e logo fatalmente chegará ao castelo do rei. Talvez Edward não quisesse isso.

- Rudolf, você sabe tão bem quanto eu que Edward é um homem honrado, rebateu Eudor com aspereza na voz.

- Como todos nós, Eudor, ou não?

O velho mestre calou-se e apenas olhou para Rudolf, no fundo dos olhos.

- Tentando ler minha mente, Eudor?

- Quem sabe...

- Houve um tempo em que isso era possível, mas hoje não mais.

- Por que iria eu querer ler seus pensamentos?

- Não sei, afinal por que viria hoje aqui?

- Venho porque me espanta o rumo que as coisas chegaram. Por que você se calou durante tanto tempo sobre a história em Toledo? Ademais, Felipe, seu fiel companheiro, é de lá, ou não?

Rudolf apenas riu.

- *Aonde quer chegar, meu caro ?*

- *No descobrimento da verdade, duque, apenas na verdade.*

- *A verdade está no anel e na marca que todos viram.*

- *Mas há detalhes daquele momento que o conde se lembra e talvez queira rememorar com você.*

- *Agora ? Por que não o fez quando lhe mostrei o anel e a marca ? E creio que daquele momento pouca coisa ficou na mente dele que sofria e estava a ponto de ir para o patíbulo. Mas se ele quiser recordar, posso fazer um esforço para me lembrar desses tais detalhes que lhe incomodam. Contudo, creio que a estratégia é outra, afinal, já se passou um dia e seu pessoal não chegou a nenhuma solução. Depois do segundo dia, vou querer minha resposta.*

- *Não respondeu minha dúvida, Rudolf, disse Eudor com certa ironia*

- *Desnecessário, caro mestre, o anel e a marca são as provas.*

- *Uma marca feita recentemente ?*

- *Como ousa ?*

- *Apenas digo que com meus conhecimentos posso avaliar se a marca é recente ou não, afinal esta história possui muitos anos e toda e qualquer cicatrização vai se modificando com o tempo. A sua me pareceu recente.*

- *Minha palavra está acima de tudo isso e se tenho que mostrar a marca para uma avaliação não será para você que nem fez parte desta saga que vivi com o conde. Que Edward venha vê-la, aliás, ele já viu.*

- *Mesmo não podendo ler sua mente, sinto que há uma aceleração em seus batimentos cardíacos, Rudolf.*

- *É de decepção. Justo você, Eudor. Se pode sentir realmente o que vai na minha alma, pode perceber que esta decepção está se transformando em raiva e não queira me ver raivoso.*

Eudor calou-se. Tinha agora a certeza de que tudo aquilo era uma fraude. Aliás, muito bem urdida, de fato, convincente, tanto que estava convencendo todo o reino. Mas a palavra de Eudor era quase que sagrada. Se ele pusesse uma dúvida sobre o que Rudolf estava afirmando, tudo poderia dar errado nos planos do duque.

Este silêncio não passou despercebido de Rudolf. O velho mestre ainda era uma raposa e seus poderes mentais tinham força como antes. Rudolf olhou para os olhos enigmáticos de Eudor e baixou um pouco o tom, e como se estivesse cansado de debater:

- O que você deseja, Eudor.

- Por um fim nisto tudo.

- O que me sugere?

- Que desista desta teima em ter Margareth.

- Impossível, disse serenamente Rudolf balançando negativamente a cabeça e prosseguiu dizendo : de todas as coisas que estamos vivendo aqui, ela é a única inegociável.

- Que coisas estamos vivendo ?

- Traição ! Afinal a vontade do rei está sendo negligenciada e outros cavaleiros estão empenhados em pegar nas armas para fazer valer a vontade de um rapazola. Puro capricho de adolescente. E mais que isso, o fortalecimento das duas casas reais interessa ao rei. Arthur descende dos antigos celtas que sempre quiseram o poder novamente. Isto sem contar o que se diz por aí.

- E o que se diz ?

- Que ele tem pacto com as antigas feiticeiras druidas e , com certeza , fortalecido com o casamento com uma mulher da linhagem do rei, sabe-se lá o que poderá criar de artimanhas mágicas para fazer voltar o reino aos tempos obscuros da feitiçaria.

- Ora, Rudolf, você não acredita nisso.

- Mas o rei acredita e isso basta.

- Já que estamos abertamente conversando, você fará valer os dois dias que deu ao conde ?

- Sem dúvida. Amanhã à noitinha expira o prazo e irei ter com ele. Quero a resposta. Já enviei mensageiros ao rei e ele virá pessoalmente para saber o que Edward terá a dizer.

- Mas um compromisso foi concedido pelo conde a Arthur , o que pode exigir uma reparação.

- Um duelo ? indagou Rudolf com descaso na voz.

- *Provavelmente.*

- *Se assim for, que seja. Eu escolho as armas, Eudor. Nem mesmo você com sua espada consagrada por Parcival pode enfrentar minha destreza. Não será Arthur a vencer-me.*

- *Mas como você espera ter o amor de Margareth sendo aquele que matou o amado que ela possuía ?*

- *Matar ? Eu matar Arthur ? De onde você tirou essa idéia , meu caro ?*

- *Ora, é um combate de honra.*

- *Ah, ah, ah, riu Rudolf. Quero apenas vencê-lo. Não seria eu o carrasco daquele a quem Margareth ama. Ademais , salvei seu pai – que ela ama, perdoarei a vida de seu amado agora, afinal ele é quem propôs o duelo, por isso, ele é que tem sede de sangue, eu não. Como pode uma dama deixar de aceitar um nobre que lhe fez tanto bem, salvando o pai a beira da decapitação e perdoadando um ofensor que se diz seu amado e no primeiro momento age com o impulso de um duelo de morte ? Ser magnânimo foi uma das coisas que você mesmo me ensinou há muitos anos, meu caro Eudor.*

Olhou para o mestre com serenidade. Eudor viu que tudo havia sido planejado com esmero e Rudolf iria até o final. Depois de alguns instantes, o duque disse:

- *Vamos comer e beber juntos com antes.*

- *Você primeiro.*

- *Não vou envenená-lo , Eudor, disse isso rindo e começou a beber e comer o que havia na mesa.*

Eudor o seguiu e enquanto comia, olhou o duque e lembrou-se de sua infância e educação. Ele havia se tornado um belo homem, capaz de fazer Margareth feliz não apenas ela, mas qualquer mulher do reino. Lentamente , o mestre foi se lembrando do passado dos dois, de como Rudolf havia vindo para a Ordem dos Lírios e como se tornara mestre também sob a orientação do próprio Eudor. Fora um aluno brilhante. E Eudor dedicara a ele uma atenção especial. Com o tempo, se tornou cavaleiro de armas e tudo o que conseguira na vida havia sido conquistado em batalha , com muita luta e suor. Um dia, ele teve uma desavença com outro irmão da Ordem dos Lírios sobre limites de terra. Naquela época, ele não tinha tanto poder, embora por herança, já fosse um homem muito rico.

Quando o assunto foi levado ao conselho da Ordem, os cavaleiros não quiseram tomar parte na desavença, embora parecesse que Rudolf tivesse razão. Mesmo com Eudor tentando lhe ajudar, a Ordem lavou as mãos e Rudolf, que não tinha tantos homens sob seu comando na época, foi obrigado a desistir das terras e da disputa. Isto fez com que ele deixasse a Ordem com muito ressentimento.

Contudo, ele não desistiu do que considerava seu direito. Foi até a Espanha, onde conseguiu mercenários e quando voltou, trouxe consigo uma força considerável de soldados. Com este contingente de combatentes, tornou a requerer as terras e como não houvesse acordo, foram à luta e dela saiu-se vencedor. Assim surgiu a sua primeira conquista, seguida de inúmeras outras.

Entretanto, foi numa das ocasiões em que o reino estava ameaçado pelas tropas francesas que Rudolf ganhou de vez as graças do rei. Enfraquecido pelos excessos da coroa, o rei não tinha como se defender dos francos e recorreu a Rudolf. As tropas do duque, somadas aos demais cavaleiros, dentre eles o conde Edward, proporcionaram uma retumbante vitória para os ingleses, sob o comando do duque. Por conta disso é que Rudolf foi agraciado com uma medalha pelo rei, mais que isso, ganhou o título de Defensor Perpétuo da Coroa, o único em todo o reino, e daí para frente, ele passou a proteger o rei e ter deste toda e qualquer regalia que desejasse.

Quando da sua ida primeira à Espanha, foi em Toledo que ele arregimentou seus homens. Lá conheceu Felipe, sua sombra. Na volta, trajava apenas roupas pretas e dizia-se que ele passou a pertencer a uma seita obscura que havia em Espanha, com ligações diretas com os mouros que estavam sendo banidos da Península Ibérica. Dizem também que foi nesta seita que ele aprendeu novos mistérios e com isso ampliou seus poderes pessoais.

Estas lembranças vieram à cabeça de Eudor e, mais do que nunca, o velho mestre sabia que estava na frente de um opositor de muita força e valor, e que qualquer erro na estratégia que tomasse seria fatal.

Ademais, as palavras de Parcival ainda ecoavam na sua cabeça. A contenda só traria muitas mortes e não resolveria o problema, pois era uma questão também, ou sobretudo, de amor e nesta seara não pode haver um segundo lugar, ou se toma ou se perde. Eudor sabia bem isso, havia vivido em seu passado um momento idêntico e

agora ele se repetia justamente com Rudolf. Mas o velho mestre calou-se e guardou , mais uma vez para si, o segredo que trazia no peito há tantos anos.

Após comerem um tempo, Eudor se levantou e despediu-se dizendo:

- Pense em tudo o que vivemos e o que você representa no reino. Tudo isso é maior do que Margareth.

- Nada é maior do que Margareth, Eudor. Diga para o conde pensar bem no que vai fazer, porque Arthur não conta. Amanhã irei em busca da resposta.

A conversa terminou e Eudor partiu em silêncio

Capítulo IX

Ao chegar no castelo, Arthur e Edward o esperavam com ansiedade. Eudor relatou que foi inútil a conversa com Rudolf o que não animou ninguém. Para todos, as intenções de Rudolf eram claras demais : ele queria a mão de Margareth e estava disposto a jogar seu poderio nesse intento.

Arthur foi o primeiro a lamentar:

- Eu disse que Rudolf queria Margareth, não é uma questão política ou de domínio de mais terras. Neste assunto do coração não existe prêmio de consolação, ou se ganha ou se perde, eu disse isso a Margareth.

- E ela, como está ? Perguntou Eudor.

- Ela me ama e faria por mim o que fosse preciso, mas posso eu exigir dela algum sacrifício, inclusive pondo em risco a palavra do conde ?

- Minha palavra pode ser quebrada pela felicidade de minha filha, desabafou Edward.

- Mas seria justo, milord ? Todos sabem da história, há seus feitos, sua honra.

- Sinto que você está fraquejando, Arthur, disse o conde.

- Talvez.

- Você tem o direito de temer por sua vida, completou o conde.

- Não é isso o que Rudolf fará, explicou Eudor. Ele jamais seria o algoz de Arthur, não suportaria este peso a vida toda ao lado de Margareth. Ele irá ao duelo se for necessário, acho que até deseja isso, mas não para matar Arthur. Ao contrário, ele quer apenas derrotá-lo , perdoar sua vida e humilhá-lo na frente de todos, assim ,

ele teria salvado o pai e perdoado o amado. Não haveria motivo mais para Margareth se negar, e mais, o conde não teria motivo algum para não abençoar o casamento de ambos.

- Então o que resta é vencê-lo em duelo, disse decidido Arthur.

- Seria o ideal, mas isso não muda a vontade do rei e a predisposição de Rudolf em ter Margareth. Este problema só acaba se Rudolf morrer no duelo, você teria que matá-lo, disse Eudor, não basta feri-lo apenas, e admita, Arthur, será difícil matar Rudolf. E mais, se Rudolf morrer ou não, ele será uma vítima nesta história toda, o que não é bom, parece injusto. Estou começando a achar que fazer o duelo é tão ruim quanto não fazê-lo, concluiu Eudor.

- Então, não há solução, disse desiludido o conde Edward, e continuou, de nada adiantaria duelar. Margareth precisa opinar neste plano, dificilmente ela aceitaria ser uma mercadoria em disputa numa luta de vida ou morte.

- E se programássemos alguns combates de exibição em homenagem ao rei? Com isso, aumentaríamos o prazo da resposta, argumentou Eudor e daria mais tempo para acharmos o caminho ideal.

- O rei, e principalmente a rainha, cuja influência sobre ele é imensa, adora estes jogos e creio que ela aprovaria a idéia, disse Arthur.

- A idéia parece boa, concordou o conde. Inclusive, Sir Anderson, por quem a rainha tem uma queda especial, está aqui conosco e ele poderia ser o idealizador do certame e apresentar a sugestão a ela logo na chegada da comitiva real.

- Enquanto isso, vou falar com Margareth, disse Arthur. Preciso saber o que ela deseja.

Todos concordaram. Margareth era uma mulher que estava muito acima das demais damas da corte. Inteligente, dinâmica, dotada de um bom-senso espetacular, ela precisaria realmente opinar sobre tudo isso, embora ela, no seu íntimo, soubesse que o final destas questões era sempre cruel e doloroso. Já havia acontecido situações semelhantes, quando a honra fora lavada em sangue e muitas mortes ocorreram.

Nos seus aposentos, Margareth refletia. Não queria ser a causadora de uma contenda com mortes e rancor. Contudo, inexplicavelmente, ela sentia um ponta até de vaidade. Um homem como Rudolf, belo e poderoso, amando-a como ele dizia que a

amava, era lisonjeiro. Qualquer mulher do reino desejaria isso e seu coração bateu mais forte, mesmo amando Arthur.

Veio à sua mente uma série de episódios nos quais ela e o conde estiveram juntos na corte. Rememorando, ela começou a perceber que todas as ações que ele praticava perto dela, o zelo e as medidas, a delicadeza com que a tratava, tudo isso era de fato especial. Uma mulher sabe estas coisas, e pela primeira vez, já que nunca havia pensado nisso, ela soube que ele a amava de fato. Por um momento chegou a pensar que se fosse obrigada a se casar com Rudolf, sua vida não seria o martírio que ela imaginou que seria no começo deste momento terrível. Mas foi só um instante, porque rapidamente a figura de Arthur povoou seus pensamentos e pensando nele, adormeceu.

O dia terminou lentamente e amanhã, perto da hora do almoço, a comitiva real estaria chegando. Eudor reviu o plano e ficou combinado que Sir Anderson seria avisado para propor o certame logo na recepção do rei e da rainha ao entrarem no castelo.

.....

No hospital, Zé Roberto vivia um momento de paz. Enquanto se discutia a estratégia ser tomada, sua alma não tinha mais sobressaltos, tanto assim que os seus familiares começaram a pensar numa melhora, embora os médiuns que lá estavam não sentiam isso. As vibrações vindas da sensibilidade de todos não coincidiam com a melhora aparente de Zé Roberto.

Algo ainda estava por acontecer.

Capítulo X.

Arthur encontrou Margareth no jardim logo pela manhã.

- Acordou cedo, minha amada!

- Não consegui dormir direito. Como vão as coisas ?

- Nem bem , nem mal. Há dificuldades e soluções que podem ser postas em prática, mas é preciso que eu fale com você sobre isso.

- Espero que me fale das boas coisas.

- Sinto, mas não é isso. Tudo indica que o desfecho desta investida de Rudolf caminha para um duelo, uma contenda de honra.

- As outras vezes em que vi isso, jorrou sangue, famílias perderam seus entes queridos e casas nobres caíram.

- Não é para tanto. É a defesa da honra entre mim e Rudolf.

- Apenas uma justa?

- Não, um combate verdadeiro.

- Mas estes combates são duelos de morte, disse ela apavorada

- Sim.

- Não! Gritou ela abraçando-se a Arthur.

- Margaret, seu pai não tem como negar o pedido de Rudolf. Ele foi o seu salvador, e mais, o rei em pessoa chega hoje para cobrar a resposta do conde. A união das duas casas daria mais fortalecimento ao reino e você sabe que a França está prestes a fazer uma outra investida contra a casa dos Tudors porque se diz com direito ao trono da Inglaterra. É uma questão de segurança do reino. Como seu pai pode negar? E mais, os cavaleiros que estão com ele, todos poderão ser chamados de traidores. Rudolf usará este argumento.

- Mas é sobre minha vida que estamos falando. O duque é um homem poderoso e qualquer mulher do reino adoraria se casar com ele. E lembrando do que sentira na noite anterior, completou: se você não existisse, Arthur, talvez até eu mesma o aceitasse, mas você existe e meu coração já lhe foi dado.

- Por isso que a solução está numa defesa da honra pessoal e não na política. Há este direito em nossas leis, afinal eu tinha a promessa de seu pai e eu, somente eu, posso invocá-lo.

- Mas Arthur, por mais bravo que você seja e sei que é, o duque é o maior espadachim da Inglaterra, ele escolherá a espada e você não terá chances. Se fosse uma contenda com lanças longas e cavalo, tudo bem, mas não é. Ademais, há aquele homem sinistro, Felipe, que treina o duque diariamente pelo que dizem. Há vontade de sangue nos olhos dele sempre.

- Eudor acredita que ele não me mataria, apenas buscaria a vitória, um ferimento ou qualquer coisa assim e aí seu pai não teria como negar a sua mão a ele.

- Mas, e eu, não conto?

- Nas questões de estado, não, Margaret.

Ela abraçou Arthur com intensidade e os dois ficaram assim por longo tempo. Os sonhos de futuro começavam a desaparecer. Apenas uma força estranha pesava no

coração de ambos. A vida, às vezes é injusta, e naquele momento estava sendo para aquelas almas puras e românticas.

Como último recurso, Margareth perguntou:

- Qual o único final que me faria ficar com você ?

- Eu teria que matar Rudolf.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

- Seja como for, aquele que se casará comigo ou terá matado meu amor, ou terá matado o anjo do senhor que salvou meu pai. Eu terei sido a causadora da morte de um de vocês. Como poderei viver com isso ?

O sol da manhã era benfazejo. O dia seria ameno o que era bom, afinal todos estariam com roupas de gala por causa da vinda do rei. Os jovens olharam os serviçais chegando. Eles traziam as aves e outras carnes que fariam parte do banquete real. Outros traziam frutas colhidas no pomar do castelo – a mesa seria farta e como o conde tratava a todos igualmente, a mesa dos serviçais também seria boa e por conta disso todos estavam felizes.

Se na cozinha havia muita agitação, no salão não era menor o burburinho. A prataria fora tirada e estava sendo polida, as cortinas batidas para retirar o excesso de pó da terra que sempre entrava no castelo pelas janelas abertas. Os móveis eram limpos com óleo e aos poucos os brasões de armas eram colocados na sala para dar mostras da grandeza do evento .

Com folga, tudo ficou pronto bem antes do tempo previsto e perto da hora do almoço, os clarins reais se fizeram tocar na colina de onde já se avistava o castelo. Em poucos instantes, os arautos do rei chegavam ao portão e anunciavam que sua alteza real estava prestes a chegar.

Aos poucos , a comitiva real começava a ser vista plenamente. Era um espetáculo à parte. Os brasões dos nobres que acompanhavam o rei eram estampados nos estandartes e no meio deles, rei e rainha cavalgavam lentamente em direção ao castelo.

Na chegada, o conde Edward esperava-os no portão e ajoelhou-se:

- Minha casa é vossa , rei Guilherme.

- Muito vos agradeço, meu primo.

- Rainha Clarice, reverenciou o conde.

- *Eduard*, que bom vê-lo.

Ambos desceram dos cavalos no que foram seguidos pelos demais nobres.

Margareth, então se aproximou :

- *Altezas*, e fez a reverência

- *Margareth*, disse a rainha, como está linda !

- *Uma mulher, pronta para o casamento, acredito, confirmou o rei.*

Margareth apenas agradeceu os elogios e os demais nobres que esperavam pela comitiva se acercaram do casal real. Neste momento começou a ser posto em prática o plano de Eudor. Sir Anderson, que, como esperavam, tinha o apreço da rainha, se acercou dela e com seu jeito galante a cumprimentou.

- *Sir Anderson*, um de meus campeões. Como vai sua destreza ?

Esta foi uma deixa que ajudou em demasia o que havia sido planejado.

- *Está excelente e a seu inteiro dispor*, minha rainha. Sabedor que viria, planejei com alguns nobres uma demonstração e campeonato de justas que, se for de seu agrado começaremos hoje mesmo.

- *Que maravilha ! Disse extasiada a rainha, e virou-se para o rei, dizendo: Sir Anderson preparou um campeonato de justas para nos agraciar, meu rei. Aqui estão todos os campeões do reino praticamente e seria maravilhoso. Devo dizer que aceito ?*

O rei, pego de surpresa, tentou argumentar que a vinda era para uma outra causa, mas não conseguiu conter o ímpeto da rainha e, a contragosto concordou.

- *Senhor, disse Rudolf que havia se juntado à comitiva ainda na colina, e entrara com o rei no castelo, argumentou : temos um assunto que precisamos resolver.*

- *Deixe de ser estraga prazeres, meu caro duque, reclamou a rainha. Veja, todas as damas estão concordando comigo. Ademais, sempre haverá tempo para os negócios de estado, concluiu. As damas consentiram de pronto e a ideia acabou sendo vitoriosa.*

A expressão de satisfação do conde Edward não passou despercebida de Rudolf. Ele sabia que com isso se ganharia mais tempo, afinal o rei não iria discutir a questão do casamento durante os jogos.

Nesse momento, Eudor entra na sala. Sua presença era sempre reverenciada, talvez pelo respeito, talvez pelo medo.

- *Eudor, disse o rei, que bom que esteja entre nós.*

- *Vim por sua causa , meu rei. E claro, pela beleza de minha rainha.*

- *Ah, sempre galante, não sei como não se casou até hoje, disse o rei. Sente-se conosco. Eudor imediatamente obedeceu.*

A rainha , aproveitando a deixa do rei, continuou o assunto:

- *Dizem as cantigas que Eudor teve um amor no passado que ninguém conseguiu descobrir e até hoje permanece fiel a sua amada. São raros os homens que agem assim hoje em dia. Muitos sequer se contentam com um só amor, olhando seriamente para o rei.*

- *O verdadeiro amor vence a vida, minha rainha. Quem de fato amou jamais deixa de amar. Vivo com minhas lembranças.*

- *Então é verdade! Exclamou a rainha satisfeita como se descobrisse um segredo guardado a sete chaves.*

- *Todos sabem que sim , mas a minha amada só a mim pertence. Ela me basta, mesmo em espírito e por isso aceitei esta vida reclusa, totalmente dedicada a minha Ordem , aos meus amigos e ao meu rei, e fez uma profunda reverência a Guilherme.*

- *Que lindo, disse a rainha.*

- *Vamos, então, comer, disse o rei. E todos se acomodaram em torno da enorme mesa posta no salão. Conde Edward sentou-se ao lado do rei e do outro lado, sentou-se Rudolf e foi este quem começou a falar:*

- *Caro conde, estamos esperando uma resposta sua para hoje.*

- *Por que nos aborrecemos com coisas complexas neste instante de congratamentos? Indagou Edward.*

- *Porque uma determinação do rei não se pode esquecer, disse Rudolf , que foi corroborado com a cabeça pelo próprio rei.*

- *Nada me agradaria mais unir minha casa a casa de Rudolf , majestade. Ainda mais sabendo de vossa vontade e gostaria que assim fosse. Mas sua determinação nos pegou de surpresa. Eu já havia dado minha bênção a Arthur.*

- *Um celta , que pode muito bem estar tramando contra o reino.*

- *Mas majestade, eu mesmo tenho acompanhado a vida deste jovem. Aliás, ele e o pai já lutaram ao lado dos nossos cavaleiros e provaram seu valor em combate e com isso seu amor à sua coroa.*

O rei se calou, olhando para Rudolf como que buscando mais informações.

- Tudo pode ser uma artimanha dele, disse o duque. Mas seja como for, mesmo que ele nos seja fiel, o rei precisa da união das nossas casas, inclusive para estar mais forte contra os franceses.

- Concorde, disse Edward, mas é preciso um pouco mais de tempo. Como dei minha bênção, pelas nossas leis ele pode requerer que seja feita uma contenda de honra, o que não seria bom para a imagem do próprio rei. Alguém poderia morrer porque sua majestade interferiu no amor de dois jovens. Seria cruel.

Ambos se calaram. A situação era difícil e o rei resolveu sentenciar:

- Pois bem, a resposta de hoje fica adiada até o final do certame. Até lá, refletiremos. Aliás, este assunto aborrece a rainha que agora só pensa nos cavaleiros em combate.

Rudolf não gostou da resolução do rei, ficou contrariado, mas acatou, elogiando a sábia conduta de Guilherme. Edward ficou exultante e também agradeceu a sabedoria do rei:

- Sábia conduta, majestade. Enquanto isso, aceite minha hospitalidade como se esta casa fosse a sua. Você também, Rudolf.

- Agradeço, mas já me alojei em minha tenda no acampamento, respondeu secamente o duque.

.....

Da mesma forma, no hospital, não havia mudanças. Era ainda a mesma noite. O tempo na mente de Zé Roberto corria célere, mas no tempo presente as coisas seguiam o curso das horas.

Devido a ausência de tensões na mente de Zé Roberto, por conta das estratégias que estavam sendo levadas a cabo pelos amigos de Arthur, ele estava calmo.

Capítulo XI

O certame acontecia com muita pompa e ardorosos combates. Os campeões do reino mostravam sua destreza com a lança e o cavalo. Rudolf, com a desculpa de um problema urgente num de seus domínios, ausentou-se preferindo não participar das contendidas preliminares, embora tenha assumido o compromisso com a rainha de voltar e disputar algumas justas para mostrar sua destreza.

Arthur, por aconselhamento de Eudor, foi designado pelo conde como organizador do torneio e precisava ficar à testa de tudo. O objetivo era evitar uma possível disputa entre ele e o duque o que acirraria ainda mais os ânimos entre ambos.

Os torneios eram realmente momentos espetaculares daquela época. Os campeões com seus escudos e brasões, as armaduras reluzentes, os arautos declamando os feitos de seus campeões e as damas da corte torcendo pelos seus preferidos.

Inicialmente foram projetados os combates com lança longa e cavalos. Os que eram derrubados saíam e os vencedores de cada disputa continuavam no torneio. Os campeões de outros certames entrariam na disputas somente nas contendidas finais.

Ao final do segundo dia, durante o banquete da noite, Rudolf voltou, o que foi comemorado pela rainha e o rei porque já era tempo dos campeões iniciarem as suas participações. Durante o jantar, a rainha perguntou ao duque:

- Caro Rudolf, é verdade que seu conselheiro é mágico?
- Se este é o termo que preferir, minha rainha.
- Mas dizem que ele pode fazer prodígios.
- São ilusões majestade, nada além disso.
- Gostaria de ver. Ele poderia nos brindar com alguns de seus truques, então.

Rudolf, pediu a Felipe que tivesse a gentileza de atender a Rainha. Felipe atendeu prontamente e começou a fazer truques de magia. Fe aparecer flores nos cabelos das donzelas, adivinhou objetos escondidos. E, aia a pedido da rainha, fez uso das suas facas tão temidas. Sua destreza era simplesmente espetacular. Era capaz de acertar o algo a dez metros de distância. A exibição encantou a todos.

Contudo, para surpresa dos presentes, Rudolf, após a exibição de Felipe, disse:

- Tenho uma surpresa para todos, e dando sinal, entraram menestréis no salão do palácio.

Rudolf, continuou:

- *Estive nas minhas terras ao norte daqui e fui surpreendido pelas cantigas que já se entoavam naquelas regiões. Elas falam exatamente do conde Edward e de minha pessoa durante as batalhas de Toledo. Mais que isso, fala do reino e da prosperidade que o Rei Guilherme trouxe para todos os ingleses. Gostei tanto que os convidei para se apresentarem aqui hoje com a permissão dos convidados.*

Todos aceitaram e os menestrelis se apresentaram com grande sucesso, falando de Edward e Rudolf, das lutas, do Rei Guilherme, da beleza da Inglaterra das damas e cavaleiros da corte. Os aplausos foram ruidosos.

- *Que belas histórias e canções, meu caro duque, disse o rei. Agradecemos a sua gentileza e esperamos que esteja conosco nos combates de amanhã.*

- *Estarei, confirmou Rudolf.*

Capítulo XII

Na manhã seguinte, o torneio recomeçou e assim que acabou a seleção dos aspirantes era hora de entrar os campeões. Neste momento os combates eram mais equilibrados, afinal os cavaleiros do reino eram treinados e deram grande espetáculo.

Depois de algum tempo, era hora de Rudolf participar. Seu arauto veio antes e teceu elogios ao duque, falando de suas conquistas, da sua generosidade e ressaltou que ele batalharia em honra de uma das damas presentes.

Margareth sentiu uma ponta de vaidade ao ouvir isso. A figura do duque era esperada por todas as damas, afinal, ele era o campeão do rei. Normalmente o cavaleiro vinha até a frente da dama e pedia que ela amarrasse seu lenço da ponta da lança. Eudor, que estava no palanque real, conteve Arthur que desabafou:

- Se ele pedir o lenço de Margareth, solicitarei que me inscrevam no torneio. Por mais que Eudor tentasse demovê-lo desta teima, Arthur estava irredutível.

Ao ser chamado, tocaram as trombetas e o duque entrou no recinto do torneio. Era uma figura realmente admirável. Ao contrário dos demais cavaleiros, sua armadura era reluzente, mas preta, como seu cavalo, que a Inglaterra sabia o nome: Ébano. Os arreios eram adornados com filigranas douradas. Trazia no seu escudo, os brasões das terras que possuía e no peito a metade do medalhão que sempre carregava e que ninguém e nem mesmo ele sabia por quê. Seu elmo era o que mais o caracterizava: cobria uma parte apenas do rosto, deixando à mostra metade de sua face e seu olho esquerdo negro.

Era temerário porque poderia se ferir, mas Rudolf dizia que assim ele enxergava mais facilmente o inimigo e não temia pelos ferimentos que pudessem advir daí. Era o único no reino que tinha esta coragem.

Lentamente veio até o palanque real. Margareth quase fez menção de se levantar para colocar o lenço na lança, mas Rudolf passou por ela e parando em frente à rainha, estendeu a lança em direção a ela, dizendo:

- *Combato pela dama que representa todas as damas da corte, pela sua alegria, beleza e elegância.*

A rainha exultou de felicidade:

- *Rudolf, sempre galanteador. E amarrou seu lenço. Margareth não conseguiu esconder seu desapontamento.*

Depois disso, os adversários de Rudolf foram caindo um após o outro e ao final do torneio quando foi sagrado campeão, ele dedicou o prêmio ao conde Edward como homenagem à sua bravura e por ser um anfitrião generoso, perfeito, digno da casa real a que pertencia.

Mas o tempo passava rápido . Após estes combates vieram as competições de arco e flecha e aos poucos o torneio ia chegando ao seu final. Haviam se passado 5 dias e até então, os cavaleiros da ordem tinham enviado mensageiros aos seus domínios e seus soldados foram chegando lentamente para perto do castelo e acamparam.

Rudolf não mais falou com Margareth e nem mesmo Arthur tinha tempo de namorar com sua amada tamanhas as atribuições de organizador dos torneios.

Quando as competições terminaram, a primeira pessoa a quem Rudolf procurou foi Eudor e encontrou-o na sala de armas em conversação com o conde e Arthur.

- *Vejo que os cavaleiros da ordem mandaram vir seus soldados...*

- *Estão em exercício, de treinamento, como os seus, Rudolf, respondeu Eudor com uma certa malícia na voz.*

- *Ah, exclamou o duque. É sempre bom manter os homens ocupados para que não percam a destreza.*

Nisso o rei entrou na sala.

- *Que bom encontrá-los juntos neste momento. Pelo que vejo da amurada, inúmeros cavaleiros acampam em torno do castelo. Tudo isso é para proteger seu rei ? perguntou com ironia.*

- *Tenho certeza de que meus homens estão aqui para isso se for preciso, majestade, disse rapidamente Rudolf.*

- *Todos estamos aqui para proteger o rei, disse o conde.*

- *Espero que para atender a seus pedidos também, disse Rudolf, claramente se referindo à carta.*

- *Com certeza, a vontade do rei será sempre feita, disse Eudor. Apenas me parecia que as forças estavam um pouco desiguais e resolvemos chamar contingente para equilibrá-las.*

- *Eudor, meu caro mestre, elas não se equilibrarão. Eu havia sido informado e hoje à tarde chegam mais homens sob meu comando.*

Nisso, um mensageiro entrou na sala pedindo para falar com o conde. Disse-lhe algo no ouvido e saiu.

- *Meus batedores confirmam isso, Rudolf, porque esta demonstração de força? O duque exasperou-se e visivelmente irritado, sentenciou:*

- *Por quê? Eu vim fazer exercícios com os soldados de minha guarda pessoal, faço isso sempre e todos sabem disso. Se as manobras incomodavam os demais cavaleiros aqui, poderiam me pedir que eu mudaria o contingente para outro lugar, mas não, se calaram e mandaram buscar tropas e não guarda pessoal. Eu não estava enfrentando ninguém, comecei a ser enfrentado. Assim, se cada um trouxe o que tinha, eu também mandei buscar apenas parte do que tenho. Ademais, me preocupo com o rei. Ele está sendo desrespeitado numa determinação sua. Mais que isso, o rei pediu proteção? Pediu soldados? Está sendo ameaçado pelos seus inimigos para que tropas venham até aqui? Não! Veio como primo do anfitrião em busca de uma solicitação sua e a resposta a sua carta para o conde foram homens armados e ninguém desrespeita meu rei, sou o Protetor da Coroa. Disse isso e olhou desafiadoramente para todos os presentes.*

Um silêncio tenebroso se instaurou na sala e foi Arthur quem falou:

- *Sobre a carta, tenho a bênção do conde Edward para cortejar Margareth, o que é sabido de todos*

- *Mas, e a vontade do rei? Desde quando paixões se sobrepõe aos interesses maiores do reino? E já se esboçava uma nova discussão quando:*

- *Calém-se todos, ordenou o rei. E olhando para Rudolf, indagou:*

- *Era preciso trazer mais homens?*

- *Majestade, de início foi minha guarda pessoal. Agora são minhas tropas. Concordo que isto possa ter sido interpretado como um desafio, mas, como eu disse,*

bastaria me pedir que eu os enviaria de volta. Ao contrário, na minha chegada os cavaleiros por conta de serem solidários a Arthur, e diga-se , contra sua vontade emanada na carta, pegaram em armas ameaçando minha vida e a contenda só não se consumou pela interferência do conde Edward.

O rei espantou-se e perguntou ao conde:

- É verdade ?

- Sim majestade, mas foi um arroubo momentâneo.

- Uma ameaça concreta, disse Rudolf, e continuou : tanto que fui me alojar fora do castelo porque minha vida aqui corria perigo. Ademais, o rei veio para selar sua vontade da união das duas casas nobres dois dias depois e surpreendentemente foi proposto um torneio. Tudo bem , a resposta ficaria para o final. Mas neste meio tempo, as forças dos cavaleiros aqui presentes foram chegando de forma até sorrateira. Viajaram à noite e , a cada amanhecer, mais soldados acampavam em torno do castelo. Não creio que isso seja bom para o rei. Vossa majestade está sitiado por exércitos que não querem que sua palavra seja cumprida, porque são solidários a Arthur. E por quê isso ? Um descendente dos druidas quer se achegar a uma casa real inglesa. Sabemos o que isso significa.

O rei pareceu ficar assustado e como sempre buscou a força maior:

- Conto com sua proteção, Rudolf.

- Até minha morte, meu rei.

- Todos queremos a vida do rei sem perigo, disse Edward, quase gritando. Minhas terras são de paz e sou primo de sua majestade, tenho com ele um laço que ninguém possui, um laço de sangue.

- Respeito isso, Edward, disse Rudolf, sei que você é leal, mas e os outros ? Laços de sangue não se escolhem, caro conde. O que se escolhe é a lealdade e isto o rei pode ter certeza que possui de mim. Não nasci parente do rei, mas o escolhi como sendo de minha própria família e esta escolha é a prova maior de minha lealdade. Já provei isso em batalhas e quem ousa aqui dizer que não ?

Não havia argumento maior que esse. O rei consentiu com a cabeça e disse que se colocava sob a proteção de Rudolf e de todos os cavaleiros que lhe queriam ser fiéis. Ademais , havia sempre o temor de um celta vir a se sentar na sala dos nobres. No

passado , eles haviam tentado matar o pai do rei Guilherme e há quem ainda jurasse que o velho monarca morrera envenenado pelas bruxarias dos druidas.

Neste momento, o rei sentenciou:

- Minha vontade tem que ser cumprida, caro Edward. Sei de muitos celtas que se alojaram em França e por mais que Arthur tenha me sido leal, há riscos na união das duas casas. Espero que Margareth entenda e mesmo sem saber sua vontade não posso acreditar que uma mulher rejeite Rudolf. Ainda mais no seu caso, caro primo, ele foi o anjo que o libertou dos infiéis , mas há mais e mesmo ele tendo pedido para nunca lhe dizer...

- Não meu rei, interrompeu Rudolf.

- É necessário dizer a verdade, meu protetor. E o rei continuou : enquanto você estava em combate na Espanha , sem notícias, suas terras foram ameaçadas, inclusive por alguns nesta sala que o imaginavam morto e queriam se apropriar de seus domínios. Rudolf foi quem protegeu seus bens; mais ainda, pagou pelas colheitas e pelos animais, enfim , cuidou do que era seu porque sempre acreditou em seu retorno e tinha carinho demonstrado várias e várias vezes por Margareth. Seu brasão ficou em pé na torre do castelo porque Rudolf cuidou que assim fosse.

Esta nova informação era a gota d'água que faltava. Seria impossível negar a mão de Margareth ao duque. Edward olhou com um misto de espanto e carinho para Rudolf. Levantou-se e foi em direção a ele e abraçou-o dizendo:

- Está selado. Minha casa se sente honrada em se unir à sua.

O rei aplaudiu e os demais não tiveram outra alternativa a não ser aplaudir em seguida. Imediatamente, a notícia rodou o castelo. Houve alegria e inveja no ar. O casal era perfeito, ambos eram bonitos, pertenciam a casas nobres, tinham a bênção do rei e da rainha que já saiu imaginando uma festa de vários dias para celebrar o evento.

Os olhares de Arthur e Margareth apenas é que denotavam tristeza. Para Arthur, uma dúvida ainda maior: havia sido considerado uma pessoa perigosa ao reino. Um druida ameaçador em quem não se podia confiar.

- Eudor, é meu fim, disse Arthur para o velho mestre.

- Arthur, sei que o momento é difícil, mas não faça nada, entende, nada. Venha falar comigo à noite na sala de reunião da Ordem. Procure Margareth e diga

que se submeta por ora, vamos ver o que podemos fazer. Eu já tinha imaginado que talvez precisássemos tomar outro caminho.

.....

Zé Roberto teve um choro convulsivo, o que preocupou a todos. Os batimentos cardíacos se aceleraram.

- É espiritual, disse o Dr. Pedro, remédios não vão adiantar. Meu Deus, que drama esta vivendo este menino ! Precisamos libertá-lo desta prisão .

Contudo não se sabia ao certo como proceder pelo total desconhecimento do que fazia Zé Roberto se sentir assim. Seria uma possessão da personalidade por conta de vidas passadas, seria um drama interior do próprio Zé Roberto, afinal o obsedado não é totalmente inocente da obsessão, ele permite às vezes e teria ela culpa em tudo isso também ?

- O que estamos presenciando é a prova cabal de que no fluxo da existência, as vidas são entrelaçadas e se complementam, da mesma forma que uma mesma vida está presa a sua linha do tempo para purgar culpas, ou viver momentos que tudo têm a ver com aquilo que se foi. A reencarnação se comprova numa situação como esta. Pena que não sabemos e talvez nunca saberemos o que está originando tudo isso, disse o Dr. Pedro.

Capítulo XII

A sala da Ordem dos Lírios , por si só já era solene. Ainda mais naquele momento. Arthur esperava encontrar os cavaleiros ali, mas só estava Eudor aguardando por ele.

- Mestre, cumprimentou Arthur.

- Sente-se aqui, rapaz.

Arthur obedeceu e ficou olhando ansioso para Eudor. Este juntou alguns papéis que manuseava, saiu da cadeira da cabeceira da mesa, veio até Arthur e disse:

- O que houve hoje foi forte demais para ser negligenciado. Agora não é somente a palavra do rei, mas a do conde que desfavorece você. Mais ainda, seus

domínios correm perigo porque , se você for tido como uma ameaça ao rei, outros irão desejar suas terras.

- Eu sei , mestre, por isso sinto que não posso mais ficar aqui, ou parto, ou chamo Rudolf para uma justa porque aí seria feita a vontade de Deus.

- De Deus, sim , mas e a vontade dos homens ? Mesmo vencendo a contenda, você continuaria sendo uma ameaça, um celta. . A ancestralidade não se apaga.

- Mas meu povo não é inimigo do rei.

- Eu sei, você sabe, no fundo todos sabem , mas ter inimigos é sempre bom, ajuda a nos manter unidos em prol de uma causa ; o rei precisava disto e elegeu os celtas como inimigos eternos da coroa.

- Então , mestre, o que me sobra ?

- Partir.

- Fugir !? bradou Arthur indignado. O mestre me propõe a covardia, o medo da batalha, fugindo como um coelhinho amedrontado ?

- Eu lhe proponho a vida, Arthur. Mais ainda, o amor de Margareth. Pergunte a ela se ela deseja o combate ou uma vida junto de você onde não há perigo e possam ter proteção ?

- Não sei o que ela diria.

- Sei que você tem parentes na França e seria bem recebido lá. Não é você quem está deixando a Inglaterra, e ela que não lhe quer. É diferente de simplesmente fugir. E mais, se tudo isso que Rudolf fez foi por Margareth, o grande derrotado seria ele. A vergonha seria dele em perder a mulher que ama. Ademais , eu posso testemunhar que Margareth foi quem pediu isso a você por puro amor e em nome deste amor vocês partiram daqui para serem felizes.

- E o conde ?

- Edward fará o que a filha desejar. Por isso , vá ter com Margareth, veja o que ela pensa e voltaremos a falar. Mas vá logo, porque agora não custa nada as coisas caminharem mais céleres, quer contra você, quer a favor do casamento dela com Rudolf.

Arthur saiu pela porta da sala e foi atrás de Margareth. Ele não a vira mais desde que o anúncio da sua união com Rudolf foi feito em grande pompa para todos os presentes.

Arthur foi encontrá-la no jardim interno do castelo, uma área privativa que era usada somente por quem conhecia os caminhos secretos daquele castelo secular.

- Margareth !

- Arthur, respondeu ela atirando-se em seus braços. O que será de nós perguntou ela. Até meu pai virou-se contra o nosso amor.

- Não diga isso, falou Arthur. O conde tomou a única atitude que poderia tomar. Mas o que ele fez foi na frente das pessoas ali presentes, o que precisamos saber é se ele está do nosso lado.

- Nosso lado para quê ?

- Margareth, estive com Eudor na sala da Ordem e ele ponderou algumas coisas as quais são sábias. Minha vida aqui corre perigo. O rei levantou suspeitas sobre minha ancestralidade, alguns cavaleiros ambiciosos já poderão estar de olho em minhas terras. A palavra dada sobre nosso namoro perdeu sentido após o que houve. Eu estou por minha conta e só.

- Estão pensando em matá-lo ? indagou ela com horror nos olhos.

- Quem sabe ? Mas tenho parentes em França, onde sou bem-vindo, você sabe disso e Eudor me confirmou. O mestre acha que devemos partir.

Margareth olhou para ele pensativa. Abaixou a cabeça como se consentisse e sentenciou:

- Fugiríamos, é isso que deseja ?

- Desejo você, meu amor. Se para tê-la preciso sair da Inglaterra, nem que seja parecendo um covarde, eu farei. Eudor acredita que no fundo o grande derrotado seria Rudolf que, mesmo tendo a bênção de todos para tê-la, você preferiu a mim. A vergonha seria dele. Resta saber o que seu pai diria e qual seria a situação dele.

- Meu pai quer a minha felicidade, Arthur. Mandê Eudor conversar com ele e, dependendo do que ele vai dizer, sairemos em direção à França o quanto antes.

Arthur beijou-a com intensidade. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas e ele perguntou:

- É pedir demais, por isso está triste ?

- Ao contrário, meu amor, choro de alegria porque estou convosco e minha vida não teria sentido sem você. Tenho gratidão e respeito por Rudolf, afinal, o que ele fez por meu pai não se esquece. Ele continua sendo o anjo de Deus, o protetor dos

domínios de nossas terras, como não ser agradecida a ele ? Mas o amor, Arthur, é outra coisa. Não vejo sentido na minha existência se não for a seu lado. Fale para Eudor que lhe segredai isso, com certeza ajudará meu pai a se decidir.

Ele abraçou-a fortemente. O pacto estava selado, beijou-a mais uma vez e foi ter com Eudor.

Quando ele saiu, Margareth caiu em prantos. Amava Arthur, mas o que estava fazendo com o duque era algo que ela jamais gostaria de fazer. Ele seria o único a ser envergonhado em todo o reino. Dentro de seu coração uma voz indagava: “como deixar meu amor de lado ?” E ao mesmo tempo sua consciência alertava “Rudolf não merece isso”. Imaginou se não seria possível amar o duque um dia caso tivesse que contrair o matrimônio para atender a todos, menos a ela. Ademais, ela temia por retaliações, pois Rudolf era poderoso e poderia perseguir os dois para sempre, mesmo em França onde o duque não era bem-vindo. Isto seria ficar fugindo até o fim da vida de um inimigo cuja ira poderia ser cruel.

Sem saber que Arthur iria procurá-lo, Eudor foi até Margareth e encontrou-a em lágrimas.

- O que houve, minha menina ? Indagou ele

- Oh, Eudor, esta história toda, tão injusta para comigo. E desabafou seus medos e angústias ao velho mestre. Falou de seu amor por Arthur, mas como desagradava sua ingratidão e traição para com o duque

Eudor abraçou-a carinhosamente e começou a dizer:

- Margareth, foi Rudolf quem quis assim. Ele se interpôs entre vocês. Não era para ser desse jeito, mas os seres humanos não seguem sempre o que vieram cumprir neste mundo. Quando fazemos o plano, o projeto de nossa existência na terra, temos que cumprir o planejado. Ocorre que o ser humano é falho e você não deve se culpar, foi Rudolf quem se desviou do destino que lhe aguardava. A angústia que você sente já é um bálsamo que a livra de todo mal que possa parecer ter causado, embora eu ache que você não causou nenhum.

- Mas eu sou o pivô disso tudo.

- Você é o amor de dois homens e no coração apaixonado e fiel, cabe apenas um.

Olhou para ela com carinho e começou a falar lentamente:

- *Margareth, todos no reino tecem conjecturas sobre um amor que tive no passado. Querem saber de minha vida e eu nunca permiti que se falasse disso. Parece que a história se repete. Também vive um momento igual a este, quando minha amada teve que optar entre mim e outra cavaleiro e, embora a situação fosse diferente, o final foi o mesmo. Doeu muito porque naquele momento, eu fiquei só, como Rudolf agora vai ficar. Só que isso se supera. Eu nunca mais amei ninguém, nem poderia. Guardo em meu coração aquela imagem angelical e isto tem me bastado ao longo dos anos.*

- *Ela vive ainda ?*

- *Não, mas para mim ela nunca morreu.*

- *Mas o duque não é você e não irá se resignar. Seu amor era um segredo, o dele é público, ele será o desonrado , por isso temo pelas perseguições, ele não descansará enquanto não matar Arthur.*

- *Creio que na França vocês poderão viver em paz e ficarem livres dele. Rudolf é quem refez sua trajetória de vida, usou errado seu livre-arbítrio. A culpa é dele e cabe apenas a ele arcar com isso. Não se amofine e pense somente na sua felicidade .*

Margareth balançou a cabeça e dizendo que estava melhor, pediu para ele não contar a Arthur a conversa que tiveram.

Eudor saiu de lá e foi para a capela rezar. Seus olhos estavam vermelhos, parecia que havia chorado e justamente assim foi que Arthur o encontrou

- *Mestre, algum problema ?*

- *Não, Arthur, apenas emoção de um velho tolo.*

- *Falei com Margareth, disse Arthur com voz afoita, contando a conversa que tivera com ela . Eudor balançou a cabeça e embora já soubesse e tivesse ouvido as dores de Margareth preferiu se calar sobre a confidência dela e por fim , sentenciou:*

- *Eu imaginava que ela concordaria. O amor de vocês transcende esta vida e se perpetuará, meu amigo. Nada pode apagar os laços que nascem a fim de durar para sempre, por isso torço para que saiam vitoriosos desta empreitada. Fique preparado, vou falar com o conde.*

Edward a princípio estarreceu. Aos poucos, entretanto foi entendendo o que Eudor esta colocando. Ao final, um misto de alegria e tristeza se apossou de seu semblante.

- Não é o que queria para minha filha, mas é tudo o que desejo a Rudolf. Ademais, passado algum tempo irei ter com eles. Minha ancestralidade tem ligações com a França também. Diga aos dois que têm a minha bênção.

.....

Dr. Pedro voltou a falar:

- Mesmo sendo um momento de sofrimento para Zé Roberto, causado por pessoas que estão a seu redor, eu sinto que ele está entre almas que já conviveram em outra existência. Há algo de bom no meio de tanta crueldade, Sinto que ele não está só, há vibrações positivas em torno dele.

Sr. Justino confirmou que sentia a mesma sensação e que naquele quarto, quando toda a família de Zé Roberto estava presente , havia almas que estiveram naquele instante da vida do rapaz. Isto era bom, porque, disse ele :

- Como está no Livro dos Espíritos, o caminho de Deus para todos é a evolução, e isto poderá trazer apoio a Zé Roberto. No fundo, os espíritos sentem esta proximidade e mesmo quando são obsessores, podem retornar ao caminho da luz. Apesar de ainda existir luta entre o bem e o mal, há esperanças. Precisamos dar mais forças ao Zé Roberto, fortalecer seu perispírito, afinal , esteja onde estiver, não sabem quem ele é neste tempo de agora. Contudo, estando preso em sua memória, vivendo novamente momentos já vividos, parece que existe um carma não resgatado que ele tem que cumprir.

Eudor saiu em busca de Arthur para informar-lhe o que disse o conde e pedir que ele fizesse os preparativos. . Havia mil ideias povoando a cabeça do velho mestre. Arthur estava em seu quarto separando algumas armas, juntando pequenas coisas na esperança da permissão do conde.

- Está tudo certo, Arthur, o conde Edward foi a favor da ideia da fuga de vocês. Ele mesmo foi falar com Margareth. Há uma passagem secreta no castelo, com um túnel que leva diretamente ao rio. Lá existem serviçais que obedecerão a ela e prepararão cavalos para os dois. Procure a sede da Ordem dos Lírios ao chegarem ao porto e se escondam até o primeiro navio para a França. Leve com você este selo e diga ao porteiro da Ordem que "o lírio precisa ser replantado"; é a senha que sempre uso para casos de perigo. Ele é o nosso guardião e prestará a ajuda que precisarem.

Arthur abraçou o mestre com carinho e, pegando algumas poucas coisas, saiu em direção ao quarto de Margareth. O conde estava também lá a espera dele.

- Meu conde, isto lhe trará aborrecimentos.

- Não tantos quanto ver minha filha casada com quem ela não ama. Disse isso e pegando a mão de Arthur colocou-a sobre a de Margareth, dizendo: eu os abençoo. Sigam o caminho dado por Eudor e eu irei ter com vocês assim que puder em França.

Margareth, conforme o combinado, deixou uma carta em seus aposentos endereçada ao pai na qual ela pedia desculpas, mas amava Arthur. Pedia que agradecesse a Rudolf o bem que havia feito pela sua família, mas não poderia lhe dar a felicidade que ele merecia, por isso preferia fugir com Arthur. Pedia ao rei perdão por não respeitar sua vontade e reforçava que para ela o amor estava acima das convenções e das questões políticas.

A carta era singela, mas Margareth estava ansiosa, com medo, e sua letra estava trêmula. Beijou seu pai e, com Arthur, saiu pelo túnel, indo em direção ao rio. Pegaram os cavalos, conforme esperado, e galoparam seguindo as margens em direção ao porto.

Na manhã seguinte, Margareth não apareceu para o café matinal com a presença do rei. Rudolf e toda a corte estavam lá, pois o anúncio do noivado havia sido feito e a partir daí ambos, deveriam começar a ser vistos juntos.

O fato causou surpresa, já que Arthur também não estava.

- O que houve com Margareth, Edward, perguntou o rei?

- Não sei, majestade. Imediatamente ordenou a uma das aias que chamasse Margareth para o café, matinal. Em poucos minutos a aia voltou dizendo que ninguém respondia no quarto. Edward, demonstrando apreensão, foi até o quarto da filha, seguido de Rudolf. Após bater na porta várias vezes, pediu que os soldados a arrombassem.

- Minha filha, onde está? Indagou Edward. Depois de procurá-la em todas as dependências dos seus aposentos, ele, vendo o papel sobre o toucador, pegou e leu-o em silêncio.

Seu espanto (que grande ator!) deixou Rudolf preocupado que pegou o bilhete de suas mãos e leu-o.

- Desgraçado, ele forçou Margareth a este ato insano. Veja, sua mão estava trêmula! exclamou Rudolf, e emendou, vou falar com o rei e irei caçá-los até no inferno.

Ao voltarem para o salão, Edward e Rudolf encontraram os presentes ainda em confraternização, mas ao verem o rosto dos dois, perceberam que algo de terrível havia acontecido. Rudolf entregou a carta ao rei que a leu e imediatamente voltou-se para Edward:

- Como ela pôde fazer isso? Eu sou o rei e ela não poderia ter me desrespeitado assim.

- Majestade, eu sou o pai e também estou magoado.

- Conversa, exclamou Rudolf, e continuou exasperado: veja a letra, majestade, está trêmula, ele a forçou cometer este ato insano. Foi um rapto e é preciso agir.

Saiu apressadamente e foi falar com seu fiel escudeiro Felipe que ponderou:

- Milord, são jovens demais e inexperientes. Aposto que esta fuga teve a mão de Eudor, eles jamais tomariam esta atitude sozinhos. Inclusive o conde Edward estava a par.

- Também creio nisso, mas agora não é tempo de achar culpados, é preciso encontrá-los. Fiz todos acreditarem que ele a tinha raptado e por isso podemos agir conforme desejarmos, Felipe. Agora eu o quero morto.

Enquanto isso, Arthur e Margareth seguiam conforme o planejado e cavalgavam em direção ao porto na esperança de encontrar um navio para a França.

Seguindo sempre o plano de Eudor, chegaram até o local onde ficava a Ordem dos Lírios, bateram à porta e quando uma pessoa veio abrir, Arthur mostrou o selo e disse “ o lírio precisa ser replantado”. Imediatamente o guardião mandou que entrassem e os acolheu. Mexendo num emblema fixado na parede, abriu uma porta e todos entraram em uma sala escondida dentro da Ordem.

- Contem-me o que aconteceu, disse o guardião.

Arthur então relatou os episódios e a sugestão de Eudor em que ambos viajassem para fora da Inglaterra.

- Uma decisão difícil, a fuga é algo que um cavaleiro não aceita, mas qual sentimento é maior do que o amor, desabafou, e em seguida:

- Irei até o porto saber se há navio que parta para a França. Não abram a porta por nada e a ninguém, permaneçam em silêncio, aqui há frutas, pão e vinho. Volto no tempo de meio dia. Disse isso e partiu.

Rudolf estava na sua tenda com o mapa da região à sua frente. Pensativo, ele testava na sua mente todas as possibilidades que os dois amantes teriam. Num determinado momento, ele chamou Felipe falou:

- Feche a tenda, traga o emblema e apague a luz.

Felipe sabia bem o que era isso. Nas suas idas à Espanha, Rudolf estudara os mistérios ocultos e ingressara na ordem mística de Toledo, a Ordem dos Segredos na qual Felipe também estava. O emblema era um estímulo para ele entrar em transe e assim poder “sentir” a presença dos dois. Após a tenda estar escura, Rudolf pronunciou algumas palavras numa língua estranha, concentrou-se e entrou num transe profundo. Depois de algum tempo, ele voltou à consciência. Estava ofegante, mas sereno e um sorriso esboçou-se no seu semblante :

- É isso !

- O que o mestre pôde ver ? Indagou Felipe.

- Mar, meu amigo, mar. Eles vão tentar sair da Inglaterra. Qual o porto mais perto ?

- O de Harwish, meu senhor.

- Foi para lá que foram, há uma casa da Ordem dos Lírios naquele local. Por via das dúvidas mande soldados para outros portos e nós iremos para Harwish. Traga uma escolta caso encontremos alguns cavaleiros protegendo Arthur, embora eu duvide

disso. A esta altura eles estão imaginando como embarcar, e com certeza, vão ficar escondidos até chegar a hora.

O conde Edward também mandou escoltas para vários lugares na busca da filha e de Arthur, mas em locais totalmente diversos daquele que sabia onde ambos estariam. Eudor, no entanto, sentiu dentro do peito uma dor muito forte. Havia um pressentimento de que algo daria errado e por isso, o velho mestre cavalgou em direção à sede da Ordem no porto de Harwish.

Capítulo XIV

O guardião voltou dizendo que na manhã seguinte sairia um navio para a França. Margareth e Arthur ficaram aliviados, enfim, uma noite era muito pouco tempo e as chances eram enormes para eles.

Rudolf, por sua vez vinha cavalgando o dia todo. Pelas suas contas ele chegaria à noite em Harwish e daria para ir direto à sede da Ordem. Eudor estava pouco tempo atrás e sabia em seu íntimo que poderia chegar atrasado. Se ele não pudesse chegar a tempo o pior poderia acontecer, ele temia pela vida de Arthur.

Rudolf chegou à noitinha e foi direto à sede da Ordem, bateu à porta como os iniciados e o guardião veio atender. Após as palavras secretas, a porta foi aberta:

- Duque Rudolf, que honra, meu irmão, tê-lo aqui.

- Guardião, estou atrás de um casal que fugiu dos domínios do conde Edward. Trata-se de sua própria filha que foi vilmente sequestrada por Arthur, cavaleiro desta Ordem, mas proscrito na corte do rei e é tido como traidor. Eles vieram até aqui, estão sob sua proteção?

- Aqui não há ninguém além dos irmãos serviçais. Entretanto se, como o Duque disse, Arthur é cavaleiro da Ordem eu não poderia, por juramento, ajudar o senhor.

- Pense bem, guardião, porque a Ordem não está acima do rei.

- Aqui não há ninguém e o Duque pode verificar se quiser.

- Sua palavra me basta, guardião. Respeito seu juramento, fique em paz.

Apressadamente Rudolf saiu dali e Felipe o interpelou:

- Mestre, acreditou na palavra dele? Até mesmo eu pude ver que ele mente.

- De nada adiantaria invadir a sede porque se estiverem lá não conseguiríamos achá-los. Há salas secretas inexpugnáveis nas sedes da Ordem, feitas para a proteção

e para os que não as conhecem é impossível descobrir algo. Tenho uma outra intuição, vamos ao porto.

Lá Rudolf soube que na manhã seguinte um navio partiria para a França e sorriu com a certeza de que tentariam estar nele:

- Vão tentar entrar neste navio, Felipe. Procure o capitão, a bandeira dele é italiana. Fale em nome do Doge de Veneza Giusepe Scorsoni que é meu amigo e pague o que o capitão desejar, mas quero saber se alguém andou perguntando sobre horário de partida, passageiros, coisas assim.

Felipe procurou pelo capitão e fez exatamente o que Rudolf havia mandado. Não demorou muito, estava de volta com a resposta:

- Mestre, um homem cuja descrição corresponde a do guardião esteve a bordo querendo saber o horário de partida do navio e se seria possível ter passageiros a bordo.

- Eles estão aqui. Cerque a sede da Ordem e coloque homens meus no cais. Ninguém entra ou sai do navio sem que verifiquemos. Fique de olho pessoalmente porque só em você confio plenamente, Felipe, eu vou voltar à sede, deixar um bilhete e me alojar na estalagem. Levarei alguns homens comigo.

Eudor tinha esfolado o cavalo de tanto correr. Ao chegar foi direto à sede da Ordem. Na porta, o guardião o recebeu com a saudação ao mestre e imediatamente deu-lhe o bilhete que Rudolf havia deixado. Nele estava escrito “Caro mestre. Era óbvio demais. Sei que Margareth e Arthur estão aqui e que viria ter com eles. Estou na estalagem e espero por você. Rudolf”, abaixo havia o selo do anel do duque.

Eudor sorriu, era de admirar “que grão mestre ele seria se não tivesse escolhido o caminho errado”, falou consigo mesmo. Guardou o bilhete no gibão e foi até a estalagem.

Rudolf o esperava numa mesa com vinho, pão e queijo.

- Mestre.

- Caro Duque.

- Tinha certeza de que viria até Harwish.

- Eu não, vim atrás de você. Fiz o seu percurso.

- Ah, ah, ah, eu é que segui o seu raciocínio. Foi inteligente fazer Arthur e Margareth virem até aqui para saírem da Inglaterra.

- *Eles estão aqui?* indagou Eudor com expressão de espanto, e completou, *você os viu ?*

- *Não, mestre, mas tenho certeza de que estão na sede da Ordem e de lá irão tentar embarcar com destino , provavelmente para a França. Aquele traidor sempre quis ficar contra os inimigos do rei.*

- *Arthur não é um traidor, Rudolf, você sabe disso.*

- *Eu sei , mestre, mas é conveniente que assim ele seja visto.*

- *Por que insistir no amor de uma mulher que não lhe quer ? Você poderia ter qualquer dama da corte e Margareth não é assim tão linda. Há outras mais ricas.*

- *Beleza, riqueza, dotes, títulos, o que desejo disso tudo ? Nada que me interesse, mestre. Amo Margareth desde pequeno. Era já jovem quando vi aquela menina pela primeira vi e a desejei para mim. Você me levou até ela, se esqueceu ?*

- *Não, é verdade, fui eu quem o levou ao castelo do conde pela primeira vez.*

- *Aliás, mestre, depois da morte de meus pais, minha vida se uniu a sua, o que agradeço, devo-lhe muito, praticamente tudo que sei, como penso, a força que tenho para agir , a destreza com a espada.*

- *E o que significa isso ?*

- *Significa que agradeço.*

- *Não sobra nada além disso ? Nenhum gesto de gratidão ?*

- *O que deseja, Eudor ?*

- *Clemência para Arthur e Margareth.*

- *Impossível, rebateu prontamente Rudolf, erguendo-se da mesa e em seguida, será que é tão difícil entender que um homem pode amar uma mulher e lutar por ela com todas as suas forças.*

- *Mas ela não o ama.*

- *Não é verdade totalmente. Ela ama quem salvou seu pai, quem ajudou nas suas terras, que fui eu. Ademais, entendo do amor, caro Eudor, e sei posso fazê-la me amar. Preciso de tempo e convivência, só isso.*

- *E matando Arthur não deixará sequelas no coração dela ?*

- *Já lhe disse, não serei eu a matá-lo. Ao contrário, posso até lutar pela vida dele. Há um prêmio pela sua prisão, sabia ?*

- *O rei não fez nada disso.*

- *Alguém fez , disse e sorriu.*
- *Vão caçá-lo em todo o reino.*
- *E eu estarei por perto para defendê-lo das atrocidades, quer gesto mais nobre do que este?*
- *Sua mente me espanta, Rudolf.*
- *Basta , Eudor. Sei que ele está na sede da Ordem porque é o único lugar que eu não conseguiria entrar e muito menos invadir por tudo aquilo que ela representa, para a Inglaterra e para mim. Vou cercá-la e vigiarei o porto. Eles aparecerão. É pena, porque ele foi meu discípulo na Ordem por vontade sua e eu o queria até bem. Há algo nele que não me deixa odiá-lo.*
- *Vocês têm mais em comum do que pensam, disse Eudor em tom enigmático. Vamos ver se você tem razão sobre estarem aqui. Eu não acredito.*
- Rudolf riu. Sabia que Eudor estava mentindo para proteger Arthur.*
- *Meu velho mestre, você me criou quando meu pai morreu na Terra Santa e eu o tive como um pai sempre.*
- *Eu também o tenho como filho, Rudolf.*
- *Então por que a preocupação com Arthur ?*
- *Porque sou a favor da vida, Rudolf, da justiça, do certo. Gosto de Arthur a quem não criei, mas pedi a você que o conduzisse à Ordem . Sei que ele é leal ao rei, que sua herança druída nada representa para ele e nem para a coroa.*
- *O rei precisa de inimigos para manter o povo alerta.*
- *Os druidas não existem mais, você sabe disso tanto quanto eu.*
- *Não é esse o caso, se existem ou não, não é relevante. O povo pensa que existem e isso é que conta. Ademais, Eudor, nesta questão meu interesse é Margaret e eu tenho a certeza de que você planejou isso. Afinal, se eu não espalhasse que Arthur a tinha raptado, a vergonha seria minha, pois eu teria sido o rejeitado publicamente.*
- *Eu sabia que você iria usar esta tese do rapto, mas pensei que com isso, você estaria salvo da vergonha e eles estariam juntos em outras terras.*
- *Só que , com este fato do rapto não há retorno. No fundo , meu velho mestre, seu plano é que atirou Arthur nesta situação. Já imaginou se for eu a libertá-la ? O*

benfeitor do pai é o mesmo da filha, os menestréis cantarão esta história por toda a eternidade.

Eudor calou-se. De fato a situação criada por ele havia levado a isso. Levantou-se para ir embora e Rudolf lhe disse:

- Mestre, sabe que o amo, não me queira mal.

- Jamais, Rudolf, jamais, embora desejasse que a sua vida tivesse tido rumos diferentes.

.....

Como tantos outros que ocorreram na ausência de Arthur, estes episódios não haviam sido presenciados por Zé Roberto quando fora Arthur no passado , mas hoje ele podia ver as cenas como um espectador dos acontecimentos que diziam respeito a sua própria vida de outrora e toda a trama se descortinava na sua frente.

Estava sereno, via o mestre Eudor lutando para evitar o mal sobre ele, sentia , ao mesmo tempo que o próprio Eudor nutria por Rudolf uma estima fortíssima, mas jamais permitiria que esta sua afeição mudasse o rumo dos acontecimentos e deixasse de prevalecer o bem naquela questão de um amor tão puro quanto o dele e Margareth.

Capítulo XV

Eudor voltou à Ordem e foi ter com Margareth e Arthur na sala secreta.

Ambos ficaram felizes ao vê-lo, mas ele disse de pronto:

- Rudolf está na cidade e sabe que estão aqui. Seus homens cercaram a Ordem e ele tem Felipe no cais do porto.

- Estamos perdidos, então! Exclamou Margareth.

- Calma, nem tudo.

- Mas como faremos ?

- Posso tirá-los daqui em segurança , mas não conseguirão viajar para fora do país pelo porto. Não por agora.

- Para onde iremos então? Indagou Arthur

- *Preciso pensar. Ele espalhou que Margareth foi forçada a vir, porque você a sequestrou e com isso foi fixado que um prêmio pela sua captura, Arthur. Isto vai dificultar as coisas. Mas eu creio que o impensável para ele é que vocês voltem ao castelo do conde. Seria um ato de coragem e Margareth poderia testemunhar que não foi sequestrada.*

- *Seria ousado, mas tem lógica, disse Arthur. Ademais, enquanto você estiver aqui, Eudor, ele acharia que nós estaremos também, o que nos dá uma vantagem a mais. Vamos viajar com uma carruagem, o mestre tem alguma aqui?*

Eudor confirmou que sim e imediatamente Arthur começou a traçar uma rota de retorno ao castelo. Enquanto isso, Eudor deu ordem expressas ao guardião que saiu apressado por uma passagem igualmente secreta e foi providenciar a carruagem. Após a saída dele, Eudor foi falar novamente com Rudolf. Saiu pela porta da frente, mas antes deu ordens a Arthur que, assim que o guardião chegasse com a notícia da carruagem, eles partissem sem delongas. Chegando lá, deveriam entrar pela passagem secreta do castelo e falar com o conde para que ele arranjasse uma audiência com o rei. Sem Rudolf por perto, talvez o rei fraquejasse.

Eudor encontrou o duque ainda bebendo na mesa da estalagem.

- *Já encontrou os dois, Rudolf?*

- *Nem fui procurar, mestre, eles estão na sede da Ordem e caso você não se lembra, já estive aqui antes e sei que não há saídas. Nós dois nos abrigamos lá uma vez, lembra-se?*

- *Sim, mas deixe você entrar para uma vistoria se quiser.*

- *Talvez fosse interessante, mas antes preciso que Felipe me traga todas as partidas de navios programadas do cais. No atual navio de Veneza, eles não irão mais. Tenho amigos na cidade dos Doges e o capitão é fácil de negociar.*

Eudor calou-se. Depois de Rudolf ter se escondido com Eudor na sede da Ordem, ela havia sofrido reformas e novas saídas secretas haviam sido feitas. O duque não sabia disso. Talvez ajudasse, pois os noivos teriam chances de escapar enquanto Rudolf ficasse fazendo o cerco, acreditando que ambos estivessem ainda lá.

- *Podemos beber juntos mais uma vez? Indagou Eudor.*

- *É meu convidado, mestre.*

Falaram de política, trivialidades, lembraram coisas do passado. Rudolf chegou a lhe segredar planos para o futuro, quando estivesse casado com Margareth.

Com isso, o tempo passou. Pelos planos de Eudor, Arthur já estaria longe e em segurança, quando disse a Rudolf que era tarde e precisava descansar. O duque assentiu com a cabeça, abraçaram-se como ainda nos antigos tempos, seguindo os rituais da ordem e cada um foi para seu canto.

Felipe voltou do cais com as partidas dos navios, entregou-as a Rudolf e disse:

- Por mar não sairão, milord

- Obrigado, Felipe. Por via das dúvidas, aumente o perímetro de vigilância na Ordem. Fixe alguns homens nas estradas que saem da cidade. Vou dormir e amanhã, se Eudor não nos entregar os dois, invadiremos a sede.

Felipe saiu e deu instruções aos homens. Foram colocados mais soldados para a vigilância e gente na saída das estradas.

Perto da meia-noite, Eudor deixou a sede da Ordem e galopou lentamente em direção à estrada de retorno ao castelo do conde Edward. Os homens de Rudolf pararam o mestre e quiseram saber seu destino:

- Volto para minha casa, soldado. Estou só como pode ver.

Os soldados estavam instruídos para ficarem atentos a um casal e não a um velho e assim não foi difícil Eudor passar por eles e logo ele se perdeu na estrada durante a escuridão da noite.

Pela manhã, logo ao café, Rudolf quis notícias sobre a movimentação em torno da sede da Ordem. Foi aí que soube que Eudor havia partido. Ao ser informado, calou-se por um breve instante e então seus olhos se iluminaram:

- Eles partiram, não sei como, mas partiram, caso contrário Eudor ainda estaria por aqui. Qual o destino dele?

- Pegou a estrada que leva ao castelo do conde, disse Felipe.

- Como não fui avisado?

- O soldado não viu o casal, então achou que Eudor não tinha importância.

- Idiota, deveria ter nos avisado. Eles estão voltando para o castelo para pedir perdão ao rei. Sem minha presença, Eudor poderá conduzir a reunião e tudo estará perdido. Sele meu cavalo, vamos voar atrás deles.

Felipe saiu para tomar as providências. Rudolf pensou consigo mesmo “ Meu caro Eudor, eu não deveria tê-lo subestimado. Sua cabeça ainda é genial” e sorriu com admiração, embora estivesse preocupado em não chegar a tempo, ou então, uma certa apreensão se apoderou dele, como que pressentindo algo de profundamente mal.

- Vamos , rápido , Felipe.

No hospital, o coração de Zé Roberto começou a acelerar. Os batimentos aumentaram repentinamente como se algo estivesse acontecendo ou por acontecer.

A enfermeira entrou no quarto e pediu que todos ficassem quietos imaginando que o diálogo entre os presentes pudesse de alguma forma estar sendo entendido por Zé Roberto e isto o teria provado uma excitação e o aumento dos batimentos.

Mas não era isso. Zé Roberto sentia que o desfecho estava sendo encaminhado e seu corpo estremeceu.

Capítulo XVI

Arthur e Margareth viajavam mais lentamente de quando da vinda. A carruagem não tinha a agilidade da sela dos cavalos, por isso estavam preocupados.

Haviam combinado esperar por Eudor antes de se mostrarem ao rei. Contudo a preocupação era outra e muito mais grave. O velho mestre sabia disso. A esta altura

dos acontecimentos, Arthur era procurado com um prêmio pela sua captura e, fatalmente, algum candidato a ganhar algumas moedas poderia interpelá-lo e disto surgir um contratempo mais sério.

A estrada estava deserta e poucos eram os cavaleiros que cruzavam com o casal. As florestas da Inglaterra sempre foram de mata cerrada e, mesmo tendo sol, a sombra das árvores dava um ar sinistro ao caminho. Por ali, vez ou outra, ficavam salteadores e por esta razão Arthur estava apreensivo e disfarçado de cocheiro conduzia os cavalos atentamente enquanto Margareth ficava dentro da carruagem.

No meio do caminho, perto de um desvio de estrada que conduz à montanha e aos penhascos profundos do rio, bem perto dos domínios do conde, um grupo de cavaleiros cruzou com os dois. Não teria nada demais, a não ser o fato de um dos cavaleiros ser do burgo do castelo de Edward e por isso conhecer Arthur. Após alguns metros percorridos, Arthur olhou para trás e viu que os homens voltavam em sua direção a galope. Sem titubear, chicoteou os cavalos com intensidade e iniciou uma corrida insana para fugir dos virtuais assaltantes. Quanto mais os homens acenavam ou chamassem pelo seu nome, mais Arthur corria, temendo o pior.

A estrada não era boa para desabaladas carreiras, todos passavam por ali com cautela, pois havia ao final da floresta um trecho montanhoso onde se corria perigo pela estreiteza da estrada e dos cascalhos que caíam da montanha, tornando escorregadio o leito carroçável, tanto que muitas pessoas já haviam caído no abismo que lá havia. Arthur sabia disso, mas não podia parar. Ademais, após a montanha, o castelo já ficava à vista e ambos estariam perto de casa.

Contudo, a habilidade de Arthur na condução da carroça não foi suficiente. Na curva mais perigosa, por mais que ele tentasse segurar os dois cavalos, os animais, assustados, se mantiveram na correria em que vinham e não foi possível fazer a curva. A carroça, escorregando nos cascalhos, despencou levando junto Arthur e Margareth e ambos foram batendo nas rochas até chegarem ao fundo do abismo por onde corria o rio que passava dentro do burgo do conde Edward.

Eudor e Rudolf sentiram ao mesmo tempo um aperto no coração e um tremor tomou conta dos dois sensitivos ao mesmo tempo. Algo de muito ruim havia acontecido! Os cavaleiros da estrada que estavam atrás de capturar os dois, ironicamente, eram enviados fiéis do conde Edward em direção ao porto na espera de

notícias de sua filha. Foi o medo de serem capturados que levou os dois amantes a correr e a fatalidade fez com que caíssem no precipício.

.....

Zé Roberto teve um desmaio súbito. Sua respiração caiu a níveis baixíssimos, assim como sua pressão arterial. Parecia que sua vida estava se esvaindo, o que provocou um desespero em todos os presentes. Elvira se atirou sobre o corpo dele estendido na cama num choro convulsivo e somente com muito esforço conseguiram tirá-la de lá.

A enfermeira aplicou-lhe medicamentos enquanto Dr. Pedro auscultava seu coração.

- Bate bem fracamente, disse ele.

Mas aos poucos Zé Roberto foi retomando o ritmo cardíaco deixando todos mais aliviados.

.....

Imediatamente os cavaleiros desceram pela encosta na busca de Arthur e Margareth. Em meio aos destroços da carroça encontraram o corpo dos dois já sem vida. Era uma desgraça, uma fatalidade irreparável.

Eudor, que havia saído após os dois, vinha atrás e ao ver a movimentação na estrada, indagou sobre o que havia acontecido para os moradores que viam de cima da estrada as pessoas no rio. Informado, imediatamente o velho mestre desceu as encostas com aflição no peito. Os cavaleiros já haviam recolhido os corpos, feito uma maca e colocado os dois lado a lado, e se preparavam para ir ao castelo.

Eudor ajoelhou-se e chorou como criança. No fundo, o plano sempre fora dele, desde o começo e ele se sentia angustiado por se julgar em parte culpado por aquela tragédia.

Pelo caminho, nos campos do plantio, os lavradores do condé iam tomando conhecimento do ocorrido e um cortejo foi se formando. Em pouco tempo, centenas de pessoas caminhavam atrás dos corpos de Arthur e Margareth. Mensageiros

galoparam em direção ao castelo para dar a infeliz notícia ao conde. Nem mesmo o rei se conteve e deixou cair uma lágrima pelo ocorrido e lamentou condenando Arthur:

- Aquele druida provocou a tragédia, que seu nome seja banido para sempre do reino e seus bens confiscados pelo estado.

Os cavaleiros da Ordem dos Lírios que estavam ainda nos domínios de Edward se surpreenderam com a notícia e lentamente vieram até os portões do castelo para receber o corpo dos dois. Havia um clima de profunda tristeza, uma sensação de injustiça, um ódio contra Rudolf. Alguns cavaleiros começaram a esboçar algum revide contra o Duque, afinal fora a sua insistência que culminara com esta tragédia inominável. Mas para o conde Edward que perdia ali sua única filha nada importava, só dor da perda que assolava seu coração de pai.

Eudor caminhava na frente do cortejo, ao chegar ao castelo, o conde olhou-o como que querendo saber se era verdade o ocorrido. Eudor apenas pôde dizer:

- Uma fatalidade, caro amigo. Ao ouvir isso o conde caiu em prantos e correu para o cavalo que puxava o corpo de sua filha, abraçando-o.

Neste momento, por sobre a colina, na linha do horizonte, as bandeiras dos homens de Rudolf começaram a ser vistas. Ele também havia sido informado do ocorrido por camponeses que ficaram no caminho. Cavalgava como um louco com o olhar fixo à frente querendo que sua visão chegasse antes dele para ver Margareth. Os presentes temeram pelo que pudesse ocorrer a partir de então. A ira de Rudolf era conhecida e temida por todos.

Tão logo entrou pela porta do castelo, ele viu os dois corpos lado a lado, ainda na maca improvisada. Desceu bruscamente do cavalo e correu em direção ao corpo de Margareth e se atirou sobre ele num pranto convulsivo, incontrolável. Seu amor por ela era real, se existissem dúvidas na mente de alguém, se dissiparia naquele momento. Após alguns instantes ali prostrado, ele recobrou a consciência, desembainhou a espada e bateu no corpo de Arthur.

- Canalha, assassino, e continuou a mutilar o corpo frio de Arthur.

- Pare Rudolf, pare, gritou Eudor.

Foi neste momento que os olhos do duque, como que soltando faíscas de ódio, se fixaram em Eudor. Lentamente, com a espada na mão, começou a se dirigir para o velho mestre. Alguns cavaleiros da Ordem prevendo que algo de mal pudesse ocorrer,

desembainharam igualmente suas espadas e fizeram um paredão entre Rudolf e Eudor.

- Foi você, Eudor. Eles jamais poderiam imaginar um plano desta natureza. Você os tirou daqui e como eu os impedi de irem embora do país, você os trouxe de volta. Foi você com sua cabeça demoníaca que matou Margareth.

- Eu ? Quem a matou foi você, Rudolf , que interferiu no amor dela por Arthur.

- Mentira, ela havia concordado com o rei e seria minha esposa , todos sabem disso. Este canalha a sequestrou. E olhando ao seu redor, continuou, muitos que aqui estão acobertaram Arthur. Este é o resultado.

E voltando-se para Eudor:

- Foi você, velho, foi você.

- Foi a fatalidade, Rudolf, respondeu Eudor.

- Quando se atira alguém aos leões, não há fatalidade, há intenção. A culpa foi sua, e ela está morta. Disse isso e ajoelhou-se na frente dela e começou a pronunciar um lamento triste numa língua desconhecida de todos os presentes, menos de Felipe que ouviu e ajoelhou-se também. Os demais, sem saberem o conteúdo da oração, imitaram, e aos poucos todos estavam ajoelhados.

Ao terminar a oração, Eudor disse :

- Eles se amavam, Rudolf, e você sabe disso. Só não ficaram juntos nesta vida porque você interveio. Agora, ficarão juntos na outra vida.

Os olhos de Rudolf fulminaram, Eudor . O duque, conhecedor dos mistérios e da doutrina, sabia o que isto significava. Com a espada ainda nas mãos, ele vociferou :

- Nunca, se ela não foi minha nesta vida, irei buscá-la na outra , ou onde estiver. Ergueu a espada e cravou-a no seu coração.

O ato foi rápido demais, impossível de ser contido. Todos os presentes se espantaram com isso. Eudor correu até Rudolf e segurou sua cabeça no colo.

- O que você fez ? Gritou o velho mestre.

Rudolf agonizava e rodeado por seus cavaleiros leais, disse num esforço final, erguendo sua cabeça e fixando seu olhar em Eudor:

- *Que estas minhas últimas vontades sejam cumpridas e conto com o testemunho de todos aqui. Primeiro, sempre lhe amei, meu mestre, por isso, meu castelo deixo para a Ordem dos Lírios, sob seu comando... Depois, minhas terras em Espanha ficam com Felipe ... Por fim, as demais possessões e bens que possuo no reino, quero que sejam divididas igualmente com meus cavaleiros que aqui estão e que me foram leais até o fim... Busco por Margareth que iria ser minha e você, meu mestre, meu amigo, a tirou de mim...*

Disse isso e sua cabeça pendeu para o lado, deu ainda para ouvir no seu último suspiro, ele pronunciar o nome de Margareth - Rudolf estava morto. O homem mais poderoso da Inglaterra, até mais que o rei, tirava a própria vida em nome de um amor que não pudera ter.

.....

- É um caso de suicídio ! exclamou Dr. Pedro, posso sentir...

- É Zé Roberto? perguntou aflita D. Elza

- Não, mas ele esteve ligado a isso e por esta razão é que o espírito que o está obsediando quer vingança. Agora fica claro.

Nem bem ele acabou de dizer isso, um dos médiuns presentes vociferou numa voz rouca e cadavérica:

- Estão juntos pela alma de Arthur ? Não adiantarão nada suas preces. A justiça será feita agora.

Era Rudolf falando...

- Qual justiça, a sua ou a de Deus, perguntou Dr. Pedro. Quem é você?

- Eu sou muitos, sou legião e mais, Deus não se importa com estas questões e nem comigo. Sou livre para fazer o que desejo. Meus amigos estão aqui.

- Que amigos, aqueles que levam ao limbo e a dor ? Indagou Dr. Pedro.

- Amigos que me ampararam e não me deixaram só, alimentaram comigo anos e anos a vontade da vingança contra aqueles que impediram minha felicidade, continuou a voz de Rudolf. Somos muitos, somos livres até mesmo daquilo que Deus deseja...

- Ninguém está livre da vontade de Deus. Há apenas os que não querem ouvi-lo e você é um deles, meu irmão, rebateu Dr. Pedro tentando argumentar, doutrinar Rudolf.

- Irmão ? Nem sei quem são vocês, não quero saber, apenas quero que Arthur pague por eu não ter tido Margareth.

- Quem são Arthur e Margareth ?

- São estes dois a quem vocês cuidam.

- Eles não são mais estas pessoas que você fala, são outras e suas vidas nada mais têm a ver com você, eles renasceram, só você parece ficar ainda preso nos mundos inferiores. Liberte Zé Roberto.

- Não posso. É chegado meu tempo agora. Tenho outros espíritos poderosos aqui comigo, e terei a vingança que sempre desejei.

- Mesmo para um suicida, a bondade de Deus prevalece e poderá prevalecer agora.

- Não quero !

- Ouça a sua consciência e você saberá distinguir o certo do errado.

- Não quero.

- Veja a luz que brilha dentro de você por mais que ainda esteja no escuro.

- Não quero.

- Eu sinto que todos fazemos parte de vidas irmãs, que nascemos juntos sucessivamente, você não pode odiar aqueles que estão ligados a você na linha da eternidade.

- Eu , ligado a Arthur ? Ele me roubou o único amor que tive, ocasionou sua morte e agora é chegado o tempo em que ele morra também e que Margareth se veja sozinha . Nem minha, nem dele.

- Mas não foi esse o plano divino que todos escolheram, nem eles, nem você. Procure se lembrar...

- Cale-se, é tempo, preciso ir. Não rezem, não vai adiantar nada. Deu uma risada sinistra e a voz, através do médio presente, se calou.

Dr. Pedro analisou o que havia se passado. Ponderou que as obsessões geralmente estão ligadas a questões de vingança, inveja. Os espíritos

obsessores esperam ver contemplados seus males como forma compensatória daquilo que passaram. Geralmente eles põem a culpa em alguém.

- Creio que é isso que Zé Roberto está passando. Ramatis diz que os obsessores tanto agem por sua conta própria, como também cumprem trabalhos e “missões” vingativas, em serviço alheio, aceitando ser instrumentos de desforras de outros. Por isso ele não está só nesta empreitada. Esses espíritos malfeitores revezam-se em suas crueldades e vinganças, num trabalho organizado e incessante sobre os encarnados, tramando as mais hábeis artimanhas diabólicas, com orientação técnica de experientes veteranos malfeitores. Este espírito se associou a outros da pior espécie, e concluiu: o que precisamos fazer é justamente o que ele disse que não adiantava : rezar. Foi por isso que ele menosprezou nossas preces, ele sabe que somente as preces podem salvar Zé Roberto.

Chamou a todos os presentes para darem as mãos e explicou :

- A oração é o mais eficiente antídoto para todos os males do espírito e muitas vezes do corpo. A prece é vibração, energia, poder. Ela provoca um estado psíquico que revela nossa origem divina e coloca-nos em contato com as fontes superiores. Dentro dessa realização, o Espírito, em qualquer forma, pode emitir raios de espantoso poder. Toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio do sentimento, transforma gradativamente, em foco irradiante de energias da divindade. Rezemos em louvor a Zé Roberto.

E foi o que fizeram .

Capítulo XVII

O corpo de Rudolf foi conduzido a seu castelo que agora pertencia à Ordem dos Lírios e lá enterrado com honras e emoção. Até o rei com toda a sua corte esteve presente. Eudor ficou mudo todo o tempo e há que jurasse tê-lo visto chorar. Arthur e Margareth foram enterrados ali, no castelo do Conde Edward, onde gostavam de ficar, em meio às flores do jardim interno do palácio. Os cavaleiros da Ordem dos Lírios fizeram-lhes homenagem. Conde Edward mal conseguia andar tamanho seu sofrimento.

Logo os menestréis compuseram canções, algumas ressaltando o amor impossível do Duque Rudolf e seu suicídio, outras cantando o amor de Margaret e Arthur.

Eudor, após os funerais, confinou-se na nova sede da Ordem e jamais saiu de lá até o final de seus dias. Pouco tempo após o ocorrido, o velho mestre foi acometido por uma doença desconhecida. Calado, suportou sua dor até o fim. Para os amigos mais próximos, a doença do mestre era espiritual e não física. Havia um “quê” jamais dito e jamais admitido por ele que o remoia por dentro, como se ele houvesse falhado em sua vida pura de monge iniciado e mestre de toda uma Ordem que existia na Inglaterra inteira. Sem saber qual, todos sentiam que havia um segredo dentro de sua alma que a ninguém ele confiara e que foi com ele para o túmulo.

Da mesma forma , o conde Edward, cuja dor pela perda da filha tornou-o amargo e triste. Sua velhice se pronunciou ainda mais e, no meio das suas lembranças de batalhas e da imensa saudade de Margareth, findou seus dias.

A corte voltou ao normal, o rei foi deposto por um irmão seu e logo decapitado . A briga de famílias pelo trono da Inglaterra continuou como continuaria por muito anos. Sempre haveria um pretendente, uma contenda, um assassinato porque era assim que os homens buscavam o poder.

E assim a vida seguiu seu curso nesta terra...

Capítulo XVIII

Contudo, em outro plano de existência, o espírito de Rudolf não conseguia ter paz. Suicida, preso no limbo, carregava ainda seu ódio e não aceitava nenhum tipo de orientação, conselho e ficava perdido nas zonas inferiores.

Ao contrário das almas boas que rapidamente galgavam degraus na escalada da evolução, do aprimoramento, Rudolf remoia seu desejo de vingança que aumentada sempre. Arthur e Margareth viram a luz e subiram degraus importantes na casa do pai.

Mas Rudolf se mantinha no escuro e no sofrimento das zonas inferiores. Amargurado, procurava apenas os iguais, espíritos da pior espécie, e com isso não evoluía, mesmo passados muitos anos desde a sua morte. Revoltado com tudo e todos, revestido de suas vestes ainda se julgava duque em meio à imundície e dizia impropérios aos que o chamavam de suicida e cada vez mais se achegava às almas que, como ele, ainda se mantinham sem a busca da luz.

Aquilo por que ele havia se suicidado não acontecera. Ao querer buscar Margareth , ele precipitou-se e tirou a sua própria via , sabia que este ato era

rigorosamente punido, mas sua insanidade fora tamanha que se esquecera de tudo o que havia aprendido no estudo dos mistérios . Agora seria punido rigorosamente no ciclo das reencarnações. Assim, Rudolf não mais viu Arthur e Margareth. Sua companhia era com as almas pesadas e horrendas do mundo inferior. Ouvia apenas ranger de dentes, lamentos, choro e dor. Isto aumentava dia a dia seu ódio.

Arthur e Margareth começaram seu aprimoramento. Aos poucos mudaram para o lar onde receberiam mais instrução e convívio. A vida foi ficando mais leve até que um dia precisavam cumprir seu destino, por isso reencarnaram.

Como Zé Roberto e Elvira , ambos mais uma vez, viram seu amor florescer. Até que ocorreu o acidente e no transe entre os mundos material e espiritual em que Zé Roberto se encontrava, Rudolf vislumbrou a chance de agir novamente. Conjurado com espíritos maldosos, invejosos, obsessores de toda sorte, Rudolf ganhou forças para interferir na vida de Zé Roberto, e como havia sido antes, culpando-o pela morte da sua amada. O tempo não passara para Rudolf. Era a vingança que ele queria, e pela qual esperara, não importando se a sua amada não pudesse mais amá-lo, apenas ele não queria que ela pertencesse a outro homem, o mesmo homem, Arthur, hoje encarnado como Zé Roberto.

Assim, manobrou com uma legião de almas obsessoras para que os espíritos de ambos se encontrassem novamente, e depois de anos e anos de espera, lutassem pelo amor de Margareth. Sim , um duelo, aquele mesmo que poderia ter ocorrido e não ocorreu; um duelo que fatalmente o tornaria vencedor e com isso estaria vingado. Ao prender seu rival no mundo etéreo , ele teria esta chance. Se o periespírito de Zé Roberto fosse ferido, tornaria ferido seu corpo físico e isto poderia matá-lo finalmente, e ele, Arthur, outra vez, não teria Margareth.

No quarto do hospital, Zé Roberto agora perdera realmente sua identidade, era Arthur. Atraído por forças poderosas do mal, foi levado em turbilhão para um campo aberto onde Rudolf o esperava.

- É chegado o tempo, Arthur. O duelo de antes pode agora ser levado a cabo e nossas contas serem acertadas, disse Rudolf com ódio entre os dentes.

- A vida seguiu seu curso, duque. Os tempos de antes não voltam mais. Nenhuma contenda poderá refazer o que passou.

- Bobagem, estamos aqui, não estamos ?

- Não, você está, não eu. Já não sou Arthur, Margareth não é mais Margareth. Evoluímos, apenas você é você ainda e teima em não querer ver a luz, movido por esse ódio insano. Onde está o mestre da Ordem que dominava os conhecimentos espirituais que eu conheci ?

- Nenhum conhecimento vale mais do que um amor verdadeiro.

- Justamente este amor é o que eu e Margareth sentimos um pelo outro, tanto que estamos juntos novamente. Se você a ama, deveria respeitar o amor que ela tem por mim.

- Chega , pegue sua espada. Sinto que se não posso mais agredir o corpo de Arthur porque ele não existe, posso agredir você, o seu periespírito e feri-lo de morte.

- Não pode, não estou mais aqui, Rudolf. O duelo que deseja está apenas na sua cabeça, no seu coração cheio de rancor e isto tem impedido você de evoluir. Você foi meu mestre e melhor do que ninguém sabe das palavras de Deus e da Sua bondade

- Deus e sua bondade me deixaram há muito e você que apenas fala continua sendo um covarde, um fujão, Arthur.

- Não, apenas vi a luz e sei que não se rega o amor com sangue.

- Pois eu acredito que sim. E dizendo isso, desferiu um golpe de espada no braço de Arthur.

Imediatamente Zé Roberto sentiu a dor terrível e gemeu na cama do hospital. Todos os presentes se espantaram e temeram. Dr. Pedro disse:

- Começou, precisamos rezar intensamente, vamos fazer uma corrente de oração e vibrações em torno do corpo de Zé Roberto, e todos ficaram em volta da cama. Uma luz forte podia ser vista pelos videntes.

Dr. Pedro ponderou:

- O codificador nos ensina na obra A Gênese que o perispírito dos encarnados é de origem análoga à dos fluidos espirituais, assim o obsessor o assimila com facilidade, tal qual uma esponja embebida em um líquido, daí reagir sobre um organismo material provocando o mal se assim o desejar. Há contato molecular.

Zé Roberto sentiu o golpe de espada como se fosse verdadeiro, mas permaneceu firme na sua convicção de não lutar. Pela primeira vez sangrou e uma ferida surgiu do nada em seu braço . Mas mesmo assim não reagiu às provocações do Duque.

- O que houve, tem medo de mim? Indagou Rudolf.

- Não, tenho pena. Mais que isso , tenho amor porque todos somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

- Pena, amor !? Ah, Ah, Ah. Veja o que você é. Sou um duque, Arthur, sou rico, poderoso.

- Você foi, Rudolf. Tudo aquilo passou e não volta ; só você se dá conta deste passado porque está preso a um tempo perdido, que existe por causa do seu ódio, da sua vingança inútil, aqui nas profundezas. Oh, meu mestre, liberte-se disso, pague seus pecados por ter se suicidado. Você tinha tanta luz naquela vida, e sei poderá recuperá-la em outra vida e evoluir como todos nós.

Mas Rudolf se mantinha convicto em duelar com Zé Roberto. Desferiu improperios, urrou, fez menção de agredi-lo com a espada no coração, insistiu na contenda. Tanto fez que Zé Roberto não viu outro caminho que não ser pegar na espada. O que agradou Rudolf.

- Ah, agora sim, minha vingança será feita, exclamou preparando-se para duelar com Zé Roberto.

Mas, neste exato instante, uma luz se fez presente e foi se tornando mais e mais intensa até que ambos precisassem tapar os olhos com as mãos. Quando a luz diminuiu, os dois puderam ver a figura radiante de Eudor.

- Mestre !!! Ambos exclamaram.

- Basta, disse Eudor. O que deseja mais para si, Rudolf? Não chega este sofrimento de anos e anos a fio nesta zona inferior, convivendo com estes

espíritos malignos que lhe fazem tanto mal ? Seu saber como mestre da Ordem deveria lhe ajudar a evitar isso tudo.

- Pelo menos eles não me traíram.

- Ninguém traiu você, Rudolf. Sua obsessão por Margareth deixou-o cego e quando não a teve , transformou em ódio por Arthur a impossibilidade dela lhe amar. Chega, aceite a luz, compreenda com seu sofrimento. Em vida você era um mestre dos conhecimentos espirituais , eu sei que você sabe do que estou falando.

Rudolf deu alguns passos para trás e balançando a cabeça negativamente, abaixou a espada, mas quando parecia que ia concordar com Eudor, recobrou seu vigor e vociferou:

- Não ! Se eu parar agora de nada terá valido todos este tempo de espera, quero minha vingança. É tempo do duelo que ele preferiu não fazer e ajudado por você fugiu, levando Margareth à morte. Culpa sua, você me odiava enquanto eu sempre lhe dediquei respeito, amor, meu velho amigo...

Os olhos de Eudor se encheram de lágrimas. Sentia que estava perdendo a argumentação e não iria conseguir convencer Rudolf.

Nesta hora, sua intuição de mestre da Ordem dos Lírios prevaleceu e como que instintivamente, o velho mestre ajoelhou-se e com intensa concentração, começou a rezar o Pai Nosso, em aramaico, a língua que Jesus usara em vida :

- *“Awan d’wash-maya (Pai nosso que está no céu)*

nith-qa-dash shmakh (Santificado seja o Teu nome)

teh-teh mal-ku-thakh (venha a nós o Teu reino)

neh-weh tzew-ya-nakh (seja feita Tua vontade)

ay-ka-na d’wa-shma-ya ap b’ar-aa (assim no céu também na terra)

haw-lan lakh-ma d’sun-qa-nan yaw-ma-na (dá-nos o pão que necessitamos neste dia)

w’ash-wuq lan khau-bayn (e perdoa-nos nossas dívidas)

ay-ka-na d’ap akh-nan (assim como nós)

shwa-qan l’kha-ya-wayn (perdoamos aos nossos devedores)

w’la ta-lan l’nes-yu-na (e não nos conduza ao julgamento)

e-la pa-tzan min bi-sha (mas livra-nos do mal)

me-tol d'di-lakfi hi mal-ku-tha (porque Teu é o reino)

w'kfiay-la w'tesh-bukfi-ta (e o poder e a glória)

f'al-am al-min Am-een (para sempre eternamente. Amém)"

Rudolf sabia a força que aquela oração possuía. Os mestres e iniciados a proferiam dentro do templo da Ordem dos Lírios e nessas ocasiões o ambiente se enchia de luz. E foi o que aconteceu naquele instante. A agressividade de Rudolf foi ficando menor, enfraquecia seu ódio e, aos poucos pareceu ficar calmo, mas para logo em seguida:

- Cale-se Eudor, não vou me deixar levar por estas palavras.

- O destino de todos nós é seguir evoluindo, Rudolf. Este mundo não é para você, Jesus ama seus filhos e você foi um dos mais diletos iniciados meus em outros tempos.

- Diletos ? Então por que não me deu Margareth?

- Porque não foi isto que você escolheu para si ao reencarnar. Sua opção fora a Ordem dos Lírios, viver para ela, me substituir, continuar evoluindo na espiritualidade e passando seu saber para outros , exatamente como eu fiz. Você mudou seu destino, fez um plano lindo de existência, mas em vida acabou fazendo escolhas erradas , mudou o rumo da sua vida.

- A vida somos nós que fazemos, mestre, você me disse isso.

- Sim , há o livre-arbítrio, mas antes disso há o destino, a finalidade da existência de cada um de nós. Há o plano que fazemos quando estamos nesta seara para podermos viver em outra vida e evoluir. Você é uma alma de várias reencarnações como eu, Rudolf, seu caminho percorrido foi longo e estava perto de um novo limiar de evolução, mas você caiu, fugiu do seu destino. A culpa foi sua.

Eudor se calou. Sabia destas verdades, a Ordem dos Lírios pregava isso desde a sua origem ancestral. Eram verdades antigas que todo mestre da Ordem sabia e cultuava. Rudolf, aos poucos foi se lembrando dos ensinamentos que havia recebido em vida , e aos poucos se deixou levar e acalmou-se.

- Aceite meu conselho, Rudolf, venha comigo, seu lar não é aqui e , eu mais do que ninguém , quero que evolua.

Rudolf alternava momentos de calma e profunda agitação, Dizia improperios e , por instantes se calava. As almas obsessoras ainda tinham poder sobre ele.

Eudor insistiu:

- Aceite minha mão, e estendeu- a Rudolf.

- Aceitar ? Por que deveria eu aceitar sua mão, velho ?

- Porque eu lhe amo, Rudolf, sempre amei e você sabe disso. Mais ainda, você sente isso.

- Sinto o respeito pelo meu mestre.

- Não, leia seu coração. Entenda o que ele lhe diz. Lembre-se do tempo em que lhe criei, do tempo em que, mesmo você estando fora da Ordem eu sempre estive por perto, acompanhando sua vida, zelando por você.

- Zelando ? Você conspirou para que eu não tivesse o único amor de minha vida.

- Eu conspirei para que você fizesse o certo. Eu nunca poderia lhe querer mal, Rudolf, é simples entender isso – e, finalmente, revelou - porque sou seu pai !!

Arthur e Rudolf ficaram atônitos.

- Meu pai, que história é essa, velho ?

- Você sabe, você sente que é verdade, mas olhe. E Eudor tirou de dentro da túnica uma corrente com uma medalha cortada. Atirou-a para Rudolf dizendo:

- Veja se ela combina com o seu talismã que traz consigo desde o tempo de infância. Rudolf colocou as partes juntas e num passe de mágica, elas se fundiram formando um medalhão perfeito.

Rudolf tremeu, largou a espada e deixando-se cair prostrado, cansado:

- É verdade, eu sinto. Mais ainda, sempre senti porque sempre o amei. Desejei no meu íntimo que você fosse meu pai, Eudor, que estivesse sempre comigo.

- Eu sempre estive, Rudolf, mesmo quando você não me via. Travei campanhas com você; segui-o à distância em terras estranhas. Amei você como amei sua mãe, e a ela amei como jamais amei outra mulher, só que ela não pôde ser minha. Foi entregue a outro homem, meu melhor amigo, e quando você nasceu, ela morreu no parto. Eu sabia, e ela também, que você era meu filho. Aquele que era tido como seu pai, pressentia que sua mãe não o amava e pouco se importou com você. Logo em seguida, ele morreu numa contenda contra os druidas, por isso você os odeia. E quando você ficou órfão, eu o tomei para mim, mas mantive sua linhagem para que herdasse a fortuna e os títulos de seu pai. Assim foi feito e de lá para cá jamais me separei de você. Queria que fosse meu substituo na Ordem dos Lírios, mas você mudou a sua vida, achou caminhos estranhos, deixou-se levar pelo lado negro e se distanciou de mim. Talvez tenha doído mais em mim do que em você. Nunca revelei este segredo em vida porque macularia a memória de sua mãe. Como você, eu também não consegui o único amor que tive. Vivemos uma vida parecida, meu filho. E tem algo a mais que vale a pena dizer aqui: em outra existência, fui pai de Arthur. Vocês são um no ciclo das existências, desta forma, como eu poderia privilegiar um ou outro, por isso deixei que o coração de Margareth escolhesse. Uma cadeia sem fim liga os seres humanos na unidade do Cosmo, e vocês estão ligados.

Neste momento desfilou-se na mente dos dois – Rudolf e Arthur - as inúmeras reencarnações que tiveram juntos. Ora sofrendo as mesmas dores, ora disputando os mesmos pleitos, mas sempre unidos e em volta de Margareth cujo nome havia sido tantos. O coração de Arthur se encheu de amor pelo velho mestre, enquanto que Rudolf caiu num choro convulsivo intenso. Atirou a espada para longe.

- Mestre, pai, o que me resta agora ?

- Venha comigo, dê-me sua mão.

Rudolf caminhou até ele e lhe deu a mão:

- Então, me conduza para o caminho da retidão. Ampare-me. E olhando para Zé Roberto:

- Arthur, perdão

- Eu também lhe peço perdão, Rudolf.

- Perdão, depois de tudo isso que lhe fiz ?

- Sim , porque você sofreu e ainda sofre. Mesmo eu não querendo isso, peço perdão. Desejo apenas que você saia daqui, destas companhias horríveis, e vá para a luz. Você é maior do que isso que está vivendo , Rudolf, meu irmão. Pode ser maior que esta legião de maus espíritos dos quais se acercou na busca de uma vingança que só nos trouxe dor.

Eudor começou a caminhar com Rudolf, agora como pai e filho, em direção a outra morada.

- Veja, Rudolf, lá está o nosso lar, disse Eudor, apontando para o horizonte de onde vinha a claridade do sol. É tempo de aprender, você precisa nascer de novo.

Ambos olharam para trás e viram , não mais Arthur , mas sim Zé Roberto e Eudor lhe disse:

- Siga em paz.

Como num passe de mágica, Zé Roberto deu um grande suspiro e lentamente abriu seu olhos. A imagem que viu primeiro foi Elvira cujas lágrimas ainda lhe caíam pela face:

- Zé, meu amado, disse ela acariciando sua face cobrindo-o de beijos e ternura .

- Onde estou ? Perguntou Zé Roberto

- Em meus braços, no hospital, respondeu Elvira

- Vivi contendas , dores e apreensões. Teria sido isso ou foram apenas sonhos estranhos num tempo distante em que você e eu tivemos duros obstáculos a vencer. Mas minha lembrança começa a se dissipar.

- Estas lembranças se apagarão, disse o Dr. Pedro. Mas não importa mais, você está de volta ao convívio daqueles que lhe amam.

- Dr. Pedro, ainda sinto dores no braço, mas este sangue , de onde veio?

- De você, de seu perispírito, mas não se aflija com nada, são águas passadas. Estas lembranças e este sofrimento irão passar também. Agora é se alimentar e continuar com os seus planos. Havia um casamento sendo planejado, ou não havia ?

Zé Roberto e Elvira se olharam e sorriram. A casinha estava pronta, os móveis comprados, as famílias unidas aprovavam a união dos dois, restava marcar a data, como antes havia sido planejado.

E assim foi. O casamento se resumiu numa festa íntima onde os familiares estiveram presentes, mais alguns amigos próximos. A viagem de lua de mel foi curta, no litoral.

Após isso tudo, a vida voltou ao normal e o acidente foi uma página virada que raramente era lembrada. Zé Roberto foi melhorando no emprego e agora tinham um carrinho. Elvira, como era prendada, começou a fazer costuras em casa e logo arrumou uma série de freguesas, o que ajudava de maneira significativa Zé Roberto no aumento da renda familiar.

Apesar de falarem de quando em vez em ter um bebê, o projeto era sempre adiado e os motivos eram muitos : uma viagem, a reforma da casa que precisava de mais cômodos, enfim, a família ia aumentar, mas ainda era cedo.

Enquanto isso, Rudolf rapidamente ganhava mais iluminação. Seu passado como mestre da Ordem ajudava porque sua compreensão era grande. O tempo todo ele era acompanhado por Eudor, cujo orgulho só fazia aumentar: seu pupilo e filho crescia na compreensão e se purificava a cada dia.

No meio dos espíritos de luz, Rudolf podia expandir seus conhecimentos e entender os males de seu suicídio. O amor que tinha tido por Margareth era uma coisa que nunca o largou, apenas o ódio por Arthur desaparecera.

Um dia, lhe fora permitido, junto com Eudor, vir até o mundo material para ver a família de ambos, e ele ficou encantado. Como pudera, por tanto tempo, odiar pessoas tão boas ! Emocionou-se com o amor de Zé Roberto e Elvira, apesar de sentir lá no fundo uma certa dor no coração, mas que passou rápido : ele havia entendido o fluxo da vida, e que as reencarnações eram o único caminho de manter vivas e unidas as pessoas que se queriam bem.

- Eudor, onde está o conde ?

Eudor apontou para o canto da sala. Rapaz sentava-se à poltrona enquanto via TV. Seus filmes preferidos eram os de capa e espada, de castelos dos tempos passados e nem era necessário explicar por quê.

- Vem , meu irmão, é hora de almoçar, disse Zé Roberto. Já tomou banho ?

O rapaz não respondeu.

- Por que será que ele não gosta de água ? perguntou a Elvira.

- Nem de água, nem de rio, nem de precipício, respondeu ela.

- Ele tem cada coisa...

Rudolf e Eudor se entreolharam. Eles sabiam o porquê. Rudolf se emocionou vendo unida novamente aquela família. Olhou o velho mestre e perguntou:

- E você , Eudor, por que ainda não nasceu de novo ?

- Meu ciclo de reencarnações neste mundo se atrasou, Rudolf. Fiquei por você, mas falta pouco tempo para eu voltar.

- Ficarei só, mestre ?

Eudor riu e disse que ele nunca estaria mais só, ao contrário, teria a companhia de pessoas amigas e queridas que iriam lhe querer intensamente bem. E aí revelou:

- Você vai voltar, Rudolf.

O antigo duque espantou-se:

- Será que poderei ser amigo de Arthur e Margareth ?

- Mais que isso, você será filho de ambos.

Rudolf estremeceu. De início pareceu adorar a ideia, mas depois ficou trêmulo:

- Mas se eles não me amarem ?

- Não amarem o próprio filho ? Não seja bobo.

- Estarei a altura deles, mestre.?

- O tempo dirá e só você poderá conduzir sua vida na senda da verdade e do amor. Você queria o amor de Margareth e agora o terá, de uma maneira diferente, muito mais intensa.

Rudolf começou a chorar como criança. Outros mestres de luz foram se achegando a ele e começaram a lhe preparar para a reencarnação. Era um trabalho delicado e intenso que requeria tempo, estudo e dedicação.

Eudor acompanhou esta preparação passo a passo e quando Rudolf ficou pronto, o velho mestre lhe disse :

- Minha missão está completa. Parto agora na busca de meu destino e tenho a certeza de que um dia você irá me encontrar onde eu estiver. Seja feliz, persevere , procure seguir sempre sua intuição e não se desvie do caminho que estamos lhe dando. É uma chance de ouro. Adeus. Beijou-lhe a testa e partiu.

Capítulo XX

Elvira estava finalmente grávida. Foi uma alegria em toda a família e quando a ultrassonografia pôde dizer o sexo do bebê, ela com visível felicidade informou Zé Roberto:

- É um menino, Zé. Quero que tenha o seu nome.

Zé Roberto ficou contente, mas confessou para ela:

- Não sei, eu sempre pensei aqui comigo que se tivesse uma filha poria nela o nome de Margareth, e se fosse um filho poria nele o nome de Rodolfo. É de origem germânica e quer dizer “lobo valente” e é isso que espero de meu filho nesta vida difícil de hoje. Que ele seja capaz de viver com sua matilha como os lobos, em família, e seja valente para enfrentar esta vida moderna que somente um lobo é capaz de enfrentar. Elvira concordou.

Assim foi até que o dia do nascimento chegou. O parto foi normal, mas em torno da mesa de cirurgia, uma imensidão de espíritos de luz envolvia o ambiente. Cavaleiros da Ordem dos Lírios, que juntos de Eudor, estavam presentes para vivenciar este momento mágico. Elvira sentiu o cheiro de lírios, e até disse isso para Zé Roberto que confirmou, também estava sentindo;

- É uma benção de Deus para você, disse Zé Roberto.

Tão logo Elvira viu seu filho ainda todo lambuzado de sangue, ela o segurou no colo com um carinho tão intenso e em lágrimas de alegria só pôde dizer “ meu filho, quanto amor”.

No quarto, quando Rodolfo chegou para mamar pela primeira vez, ele foi abraçado com imenso carinho por Elvira e Zé Roberto. Assim se iniciava uma nova página da história destas pessoas e Rudolf, finalmente pôde ganhar o amor de Margareth, e foi de uma maneira tão intensa que ele jamais

conseguiria se tivesse casado com ela na outra existência, porque este amor de agora era o amor de mãe, o maior de todos, o mais puro, o mais protetor, o mais sagrado.

Enquanto Margareth aleitava e acariciava Rodolfo, Zé Roberto lia passagens do livro que trazia em sua mochila, “O problema do ser, do destino e da dor”, de Léon Denis... “ Construir o próprio “eu”, sua individualidade através de milhares de vidas, passadas em centenas de mundos e sob a direção de nossos irmãos mais velhos, de nossos amigos do Espaço, escalar os caminhos do Céu, arrojarmo-nos cada vez mais para cima , abrir um campo de ação cada vez mais largo, proporcionando à obra feita ou sonhada, tornando-nos um dos atores do drama divino, um dos agentes de Deus na Obra Eterna ; trabalhar para o Universo, como o Universo trabalha para nós, tal é o segredo do destino”

Ele fechou o livro e olhou aquela cena de amor maternal . Encheu-se de orgulho por estar fazendo parte daquele momento e ganhou mais forças ainda para seguir amparando aqueles dois seres que ele tanto amava.

Elvira lhe sorriu e beijou a testa de Rodolfo.

Cumpria-se o destino. Eudor, luminoso sorria na cabeceira da cama. Olhou para o menino, transferiu para aquela família uma energia imensa e poderosa:

- Sejam felizes , estou esperando por vocês em outras vidas porque estamos hoje e sempre juntos no fluxo da existência.

Fim